



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)  
CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA  
INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO**

**O PAPEL DOS LIBANESES NA ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU - PR**

**FRANCIELY FERREIRA PINTO DE OLIVEIRA**

Foz do Iguaçu

2015

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)  
CIÊNCIAS ECONÔMICAS – ECONOMIA,  
INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.**

**O PAPEL DOS LIBANESES NA ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU - PR**

**FRANCIELY FERREIRA PINTO DE  
OLIVEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômica – Economia, Integração e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Marcelo Staevie

Foz do Iguaçu

2015

FRANCIELY FERREIRA PINTO DE OLIVEIRA

## **O PAPEL DOS LIBANESES NA ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômica – Economia, Integração e Desenvolvimento.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Pedro Marcelo Staevie  
UNILA

---

Profa. Dra. Mirian Santos Ribeiro de Oliveira  
UNILA

---

Profa. Dra. Marcela Nogueira Ferrario  
UNILA

Foz do Iguaçu, 11 de Dezembro de 2015.

Dedico este trabalho a meu pai (em memória), e a  
minha mãe, pela força e incentivo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me permitir chegar até aqui.

A esta Universidade, a seus colaboradores, e aos docentes, que possuem comprometimento e dedicação com a educação.

Ao meu orientador Pedro Staevie, pelo apoio e confiança.

A minha mãe, e meu pai (em memória) que foram meus primeiros educadores.

Aos meus irmãos, meu esposo, minha vó, meu vô, meus tios, meus primos e demais familiares por sempre acreditarem em mim.

Aos colegas da faculdade pelos bons momentos de descontração e estudo que tivemos.

Aos libaneses colaboradores desta pesquisa e a todos que de alguma forma fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

OLIVEIRA, Franciely Ferreira Pinto. **O papel dos libaneses na economia de Foz do Iguaçu - PR.** 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Econômica, Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar as consequências socioeconômicas da migração de libaneses para a cidade de Foz do Iguaçu, identificando o papel que esses imigrantes desempenharam na economia da cidade. A metodologia adotada está baseada na revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Na segunda metade do século XX chegaria o maior número de libaneses a cidade, atraídos pelas oportunidades comerciais decorrentes: da construção da Ponte Internacional da Amizade, da reconstrução da Rodovia BR 277, da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e do crescimento do mercado consumidor decorrente do aumento populacional. As redes sociais desempenharam importante papel para atração de libaneses a Foz do Iguaçu. No final do século XX e início do século XXI a dinâmica comercial da cidade seria alterada, fazendo com que muitos desses imigrantes retornassem ao Líbano. Neste momento já havia uma comunidade libanesa instalada na cidade. Sua inserção econômica e social permitiu que esses se integrassem a população iguaçuense e mantivessem seu papel a frente do setor de serviços e comercial, que são os setores que empregam mais de 80 % da população.

Palavras-chave: Migração; Foz do Iguaçu; Libaneses; Economia; Paraná;

OLIVEIRA, Franciely Ferreira Pinto. **El papel de los libaneses en la economía de Foz do Iguazú - PR.** 2015. 77 p. Trabajo de Conclusión del Curso de Graduación en Ciencias Económicas, Economía, Integración e desarrollo – Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, Foz do Iguazú, 2015.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo principal analizar las consecuencias socioeconómicas de la migración de los libaneses en la ciudad de Foz de Iguazú, identificando el papel que estos inmigrantes desempeñan en la economía de la ciudad. La metodología se basa en la revisión bibliográfica e investigación de campo. En la segunda mitad del siglo XX llegaría al mayor número de libaneses; atraídos por la oportunidades comerciales derivadas de la construcción del Puente Internacional de la Amistad, la reconstrucción de la BR 277, la construcción de la Usina Hidroeléctrica de Itaipu y del crecimiento del mercado derivado del crecimiento de la población. Las redes sociales juegan un papel importante para atraer a los libaneses en Foz de Iguazú. A finales del siglo XX y principios del siglo XXI la dinámica comercial de la ciudad sería cambiada, haciendo que muchos de estos inmigrantes regresaran al Líbano. En ese momento ya había una comunidad libanesa situada en la ciudad. Su integración económica y social permitió para integrar a la población iguacuense y mantener su papel frente a los servicios y sector del comercio, que son los sectores que emplean a más de 80% de la población.

Palabras-clave: Migración; Foz do Iguazú; Libaneses; Economía; Paraná;

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Companhia de Terras Norte do Paraná .....	27
Figura 2 - Mensus: trabalhadores dos grandes latifúndios.....	33
Figura 3 - Madeira extraída na região oeste.....	34
Figura 4 - Ponte Internacional da Amizade .....	35
Figura 5 - Itaipu Binacional .....	36
Figura 6 - Ciudad Del Este (Paraguai).....	37
Figura 7 - Evolução da população de Foz do Iguaçu: 1889 a 2010 .....	38
Figura 8- Evolução dos empregos em Foz do Iguaçu: 1985 a 2013 .....	42
Figura 9- Quatro Fases da emigração libanesa: 1880 a 2000 .....	50
Figura 10 - Loja localizada no Centro: Kamalito .....	52
Figura 11 - Brasil: taxa de câmbio nominal (média anual) 1990 a 2014 .....	58
Figura 12 - Casas de Câmbio em Foz do Iguaçu: 1987 a 2014 .....	58
Figura 13 - Mesquita Sunita.....	62



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Proporção da população não-natural da UF em que foi recenseada em relação à população total, nos Estados da Região Sul: 1960 a 1991 .....	29
Tabela 2 - População Total e Taxas de Crescimento Populacionais anuais: Oeste do PR, Paraná e Brasil, 1940 a 2000 .....	31
Tabela 3- Total de pessoas vinculadas à implantação da Itaipu Binacional 1974 a1986 (lado brasileiro e paraguaio).....	37
Tabela 4 - Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos: Foz do Iguaçu/Paraná 2000 a 2012.....	39
Tabela 5 - Empregos segundo atividade econômica: Foz do Iguaçu 1990 a 2010 .....	40
Tabela 6 - Número de Estabelecimentos em Foz do Iguaçu 1985 a 2014 .....	41
Tabela 7 - Evolução do Número de empresas exportadoras e seus empregados em Foz do Iguaçu: 1980 a 1995.....	56
Tabela 8- População de Foz do Iguaçu: 2000 a 2013 .....	60

## **LISTA DE SIGLAS**

ACIFI - Associação Comercial e Industrial de Foz do Iguaçu

ALICE - Análise das Informações de Comércio Exterior

CEPAL - Comisión Económica para América Latina y El Caribe

CMNP - Companhia Melhoramentos Norte Paraná

CTNP - Companhia Terras Norte do Paraná

DF - Distrito Federal

DINCRE - Divisão de Estrangeiros de Brasília/DF

ICMS - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

LTDA - Limitada

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

PIB – Produto Interno Bruto

PMFI - Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

PR – Paraná

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais

RMC - Região Metropolitana de Curitiba

SMT - Secretaria Municipal do Turismo

SINCRE - Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros

UNICON - União de Construtoras

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	14
1.2.1 Objetivo Geral: .....	14
1.2.2 Objetivos Específicos: .....	15
1.3 METODOLOGIA .....	15
1.4 REVISÃO DE LITERATURA .....	16
1.4.1 As Redes Sociais de Migração .....	20
<b>2 MIGRAÇÕES NO PARANÁ.....</b>	<b>23</b>
2.1 MIGRAÇÕES EM FOZ DO IGUAÇU .....	32
<b>3 MIGRAÇÃO LIBANESA .....</b>	<b>43</b>
3.1 CAMPO EMIGRATÓRIO.....	46
3.2 IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA FOZ DO IGUAÇU: FATORES DE ATRAÇÃO E INSERÇÃO ECONÔMICA.....	50
3.2.1 Presença Libanesa em Foz do Iguaçu: Aspectos Sociais e Culturais .....	60
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>72</b>
APÊNDICE A – Frentes de ocupação Paraná.....	72
APÊNDICE B - Cinco primeiros colocados no Paraná: Migração população residente por Nacionalidade estrangeira, 2010 .....	72
APÊNDICE C - Importações e exportações Foz do Iguaçu x Paraguai 1997-2015 .....	73
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista aos migrantes libaneses em Foz do Iguaçu .....	74
APÊNDICE E- Empregos em Foz do Iguaçu 1990 a 2013.....	75
<b>ANEXOS.....</b>	<b>76</b>
ANEXO A – Mapa Indicando As Fronteiras Da Província Autônoma Do Líbano (1861-1915) E As Fronteiras Atuais Do País .....	76
ANEXO B – População Total, Por Gênero, Rural/Urbana - Foz Do Iguaçu – PR, 1991 A 2010	77
ANEXO C - Renda, Pobreza E Desigualdade - Foz Do Iguaçu – PR, 1991 A 2010.....	77

## 1. INTRODUÇÃO

Nos primeiros estudos migratórios (realizados no final do século XIX), o movimento populacional aparece como decorrente das transformações produtivas entre diferentes regiões geográficas. Nas teorias migratórias neoclássicas a decisão migratória parte das decisões individuais, que visam maximizar seus ganhos econômicos. E para a teoria estruturalista as decisões migratórias teriam origem em um conjunto de classes, conforme as condições históricas de produção e reprodução do capital.

Nos estudos migratórios são abordados diferentes campos disciplinares, entre eles temos a economia, a geografia, a demografia, a sociologia (entre outros). O que nos demonstra como os diferentes elementos contribuem para a dinâmica populacional.

Após a abolição da escravidão a imigração de mão de obra (europeia) seria incentivada, para suprir a demanda na produção cafeeira – principal fonte de renda daquela época. No início século XX, boa parte do território brasileiro possuía baixa densidade demográfica, o estado do Paraná (assim como outros estados) só atingiria efetivo crescimento econômico com o seu povoamento.

Os primeiros imigrantes que colonizaram o Paraná o fizeram no momento em que o estado pouco tinha a lhes oferecer, em comparação a outras regiões do país. Para povoar o norte, o noroeste, o oeste e o sudoeste, o governo e as companhias de colonização tiveram que investir em intensa publicidade sobre a região, superestimando suas potencialidades<sup>1</sup>.

Foz do Iguaçu, a cidade objeto de nossa pesquisa, na segunda metade do século XX ainda possuía uma população rarefeita. Os colonos que moravam na cidade estavam ligados a atividades extrativistas e agrárias. Na década de 70, durante a Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a cidade obteve uma explosão demográfica, e com o turismo de compras (nas décadas de 80 e 90) o crescimento demográfico seria mantido.

Conforme a página<sup>2</sup> da Prefeitura de Foz do Iguaçu, o rápido crescimento populacional contribuiu para muitos dos problemas atuais da cidade, entre os quais podemos considerar a pobreza, a violência e até mesmo a pressão existente sobre os serviços públicos, como o transporte, a educação, a saúde, entre outros.

---

<sup>1</sup>O estado não teria a infraestrutura necessária para assentamento destas populações e escoamento de suas produções, conforme veremos no capítulo II, muitos colonos acabaram abandonando suas propriedades.

<sup>2</sup> Acesso disponível em [www.pmfi.pr.gov.br](http://www.pmfi.pr.gov.br)

Características peculiares da explosão populacional do município ficam evidentes nos dados constantes do quadro perfil da população de Foz do Iguaçu. Uma análise desses números permite observar que a natureza dos problemas socioeconômicos da cidade na atualidade é consequência da rápida constituição de sua população, atraída pelos dois últimos ciclos econômicos (construção de Itaipu e turismo de compras), responsáveis pela migração de uma parcela em massa, formando os novos iguaçuenses com baixa renda e pequena qualificação profissional, convivendo com a outra parcela, de alta qualificação, porém menos numerosa, em setores como o de produção de energia elétrica e do turismo. (PMFI, 2011, p.7).

Percebemos a existência de um pensamento que atribuí aos imigrantes as responsabilidades pelos problemas econômicos, e muitas vezes pelos distúrbios políticos e sociais. Mas na verdade o que ocorre é a incoerência das políticas públicas para a inserção efetiva destes povos. Para melhor compreensão do fenômeno migratório, optamos pela análise de um determinado grupo de imigrantes, sendo que nossa atenção será voltada aos imigrantes de origem libanesa.

No Capítulo II caracterizaremos as migrações que ocorreram no Paraná, depreender a dinâmica populacional e fases econômicas que ocorreram no estado foi algo necessário para compreendermos de que forma estas transformações influenciaram no aumento ou redução da população do município observado. Em uma seção secundária caracterizaremos as migrações que ocorreram em Foz do Iguaçu.

No Capítulo III faremos uma breve abordagem da migração árabe no Brasil no final do século XIX e início do século XX, caracterizaremos os fatores que contribuíram para que os libaneses emigrassem: “campo emigratório” e os fatores de “atração”, abordagem realizada nos primeiros estudos migratórios de Ravenstein<sup>3</sup> no século XIX.

A metodologia adotada para construção do segundo e terceiro capítulo está baseada na revisão bibliográfica. Para construção do terceiro capítulo incorporaremos trechos de duas entrevistas realizadas com comerciantes libaneses (em novembro de 2015).

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A economia é a ciência que estuda os aspectos que interferem no crescimento econômico das diversas regiões, compreender os fenômenos que levam ao

---

<sup>3</sup> O autor escreveria “*The Laws of migration*” (As leis da migração) dois trabalhos publicados com o mesmo nome nos anos de 1885 e 1889 (STAEVIE, 2012).

enriquecimento ou empobrecimento de determinados locais pode conduzir a políticas públicas de ajuste a uma situação almejada.

A economia é uma ciência substantiva que tem por objeto os sistemas econômicos, suas propriedades de estabilização, crescimento e distribuição. O objetivo é entender e explicar esses sistemas e prever seus desenvolvimentos, de tal forma que os agentes econômicos possam ou se ajustar a eles, ou influenciá-los por meio da política econômica. (PEREIRA, 2009, p. 171).

A imigração é um fenômeno social que possui importantes implicações econômicas para as localidades de destino (e origem) destes movimentos, o papel das migrações no desenvolvimento econômico é algo que vem sendo debatido pela comunidade acadêmica, para Rostow (1978) o desenvolvimento econômico ocorreria por estágios, em que os agentes teriam fundamental importância no avanço das etapas, já para Ravenstein (1980) os deslocamentos populacionais seriam oriundos do desenvolvimento econômico (e esse por sua vez seria procedente da própria dinâmica migratória).

[...] observa-se que os debates referentes aos problemas do desenvolvimento têm evoluído constantemente, principalmente após as análises de Rostow (1978). Segundo ele, o desenvolvimento econômico ocorre em estágios que possuem um papel fundamental. A cada uma destas etapas o autor sustenta ser imprescindível a participação dos indivíduos, pois, em síntese, eles são os responsáveis e os usuários deste fenômeno e dos seus resultados. Nesse processo histórico, segundo Ravenstein (1980), o cenário do desenvolvimento econômico de uma região tem influência nos deslocamentos populacionais que para lá se dirigem e de lá se originam. Sustenta o autor que, nesse movimento de crescimento da economia, a migração é importante fator no processo; ora influenciando o mesmo, ora sendo influenciada por ele. Argumenta ele que tais fluxos têm rebatimentos econômicos importantes, de tal modo que a questão merece uma análise mais detalhada. (RIPPEL, 2005, p. 2).

O Brasil assim como diversas nações, precisou elaborar políticas públicas de atração de imigrantes, uma vez que o desempenho de suas atividades econômicas esteve relacionado à constante demanda por mão de obra. Até 1930 essa demanda teve relação com a atividade agrícola, e após este período esteve ligada à modernização do país - que ocorreu através das atividades industriais.

No início do século XX, o Paraná ainda era pouco povoado e sua ocupação, assim como a ocupação do extremo oeste paranaense, fez parte das políticas de cunho nacional e estadual, com o objetivo de garantir a soberania brasileira destas porções de terras. No decorrer do século XX, a ocupação do oeste paranaense teve ligação com a expansão da fronteira agrícola nacional.

As regiões de fronteira possuem características socioeconômicas muito diferentes dos demais municípios, pois suas localizações territoriais as tornam propícias a estreitar os laços econômicos e sociais com as nações vizinhas. Foz do Iguaçu, a cidade objeto de nossa pesquisa é uma região de tríplice fronteira (Brasil-Argentina-Paraguai).

Essa cidade passou por um explosivo crescimento populacional nas últimas décadas do século XX. Por sua formação socioeconômica e sua localização geográfica recebeu ao longo de sua formação levas de imigrantes (paraguaios, argentinos, ingleses, franceses, árabes, iraquianos, chineses, entre outros estrangeiros, migrantes do sul e demais regiões brasileiras).

As imigrações ocorridas ocasionaram profundas transformações nas esferas: política, econômica e social da sociedade iguaçuense e de cidades próximas no leste paraguaio e oeste do Paraná. Acreditamos que depreender o fenômeno migratório (caracterizando os fatores de atração / repulsão) é indispensável para a compreensão da sociedade, e a partir daí poder intervir nesta realidade através de políticas públicas voltadas à inserção destes imigrantes na sociedade local.

O desejo de compreender o motivo que levou muitas pessoas a migrarem também ocorre por interesse da pesquisadora, por ser filha de um imigrante (paraguaio), e por residir na cidade de Foz do Iguaçu, resolvi investigar de que forma esses imigrantes (estrangeiros) contribuíram para a formação socioeconômica do município. Por razões metodológicas acabamos optando por nos concentrar em um determinado segmento populacional (os libaneses residentes em Foz do Iguaçu).

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral:

Esta investigação tem por objetivo geral analisar as consequências socioeconômicas da imigração de libaneses para a cidade de Foz do Iguaçu, de forma que buscaremos compreender as particularidades que estes assumiram na cidade.

Para compreendermos os motivos que levaram a escolha de Foz do Iguaçu em detrimento de outras cidades, buscaremos compreender quais foram os aspectos que influenciaram na decisão imigratória.

### 1.2.2 Objetivos Específicos:

- I- Descrever o campo emigratório;
- II- Descrever os movimentos imigratórios de libaneses para Foz do Iguaçu;
- III- Caracterizar quais foram os fatores socioeconômicos que possibilitaram a permanências destes imigrantes na cidade;

### 1.3 METODOLOGIA

A economia é vista como uma ciência social, pois analisa o comportamento dos homens, os quais estão inseridos em conjunto de valores morais, sociais e políticos. As ações econômicas (produção e distribuição a exemplo) são resultado das escolhas dos agentes, que podem optar entre diversas formas de alocar seus recursos.

Para construção do conhecimento científico, nas ciências sociais, se torna muito difícil realizar experimentos controlados. Como exemplo o estudo de uma variedade agrícola em um laboratório (que é algo controlado), no caso da economia para realizar esses estudos o pesquisador parte da observação empírica, muitas vezes combinando métodos.

Para realização deste trabalho acadêmico optamos pela utilização da revisão de literatura (usando dados de fontes oficiais e bibliográficas como artigos, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado). Em um segundo momento utilizaremos a metodologia denominada história oral, que segundo Staeve:

Esta abordagem metodológica, também denominada de História Oral, pressupõe um envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, em que este busca desvendá-lo a partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos. Entretanto, tal metodologia assevera que tais relatos são complementares a outras fontes, tais como as escritas, iconográficas, dentre outras. (STAEVIE, 2012, p. 32).

O tipo de entrevista escolhida para o trabalho foi à entrevista estruturada<sup>4</sup>, foram entrevistados três comerciantes, sendo que dois eram da região central e um era da região da Vila Portes. Optamos por não incluir a terceira entrevista no trabalho, por se tratar de um comerciante que chegou à cidade em 2013 e ainda não fala (nem compreende) o idioma português, por isso a deixaremos para uma possível análise futura.

---

<sup>4</sup> Ver apêndice D – Roteiro de entrevista aos migrantes libaneses em Foz do Iguaçu (as questões foram feitas na ordem que consta no formulário).



#### 1.4 REVISÃO DE LITERATURA

Temos diversas correntes teóricas que tentam explicar o que é migração, não havendo um consenso entre elas. Em busca de um consenso sobre o tema, as Nações Unidas publicaram na década de 1970, um dicionário com o objetivo de definir diversos conceitos sobre as migrações. No entanto tal tentativa de unificação conceitual não logrou êxito devido às múltiplas interpretações existentes – nas diversas áreas, entre elas temos a economia, a sociologia, a geografia, as ciências políticas e as ciências sociais (STAEVIE, 2012).

A migração é definida pela Organização das Nações Unidas (ONU), como:

Migração é definida como sendo o deslocamento de uma área definidora do fenômeno para uma outra (ou um deslocamento a uma distância mínima especificada), que se realizou durante um intervalo de migração determinado e que implicou uma mudança de residência. (*UNITED NATIONS*, 1970, p.2 *apud* SALIM, 2013, p. 120).

Dentre as principais vertentes da teoria migratória, temos os modelos neoclássicos, nos quais a migração é vista como resultado dos deslocamentos de trabalhadores entre territórios, uma vez que há desproporção entre os fatores de produção, de forma que os trabalhadores podem se mobilizar a regiões que lhes garantam melhores oportunidades de trabalho<sup>5</sup>.

Um dos principais teóricos dessa vertente foi Ravenstein (1885, 1889 *apud* PEIXOTO, 2004), o referido autor escreveu suas “leis das migrações” ao fim do séc. XIX, ele observou empiricamente o cenário de migrações internas na Grã-Bretanha, período no qual essa nação passou por um pujante processo de industrialização.

Ravenstein buscou regularidades envolvendo as migrações, de forma que a partir dos censos britânicos de 1871 e 1881 observou que as migrações internas que ocorriam na Grã-Bretanha eram fruto do processo industrial. Esse processo demandaria mão de obra mantendo certo movimento populacional.

Depois de concluído seu estudo sobre a Grã-Bretanha, Ravenstein iniciou uma investigação sobre outras nações– envolvendo alguns países Europeus e os Estados

---

<sup>5</sup> A migração é vista como algo positivo oriundo das decisões racionais dos indivíduos, possibilitando o equilíbrio dos salários, bem como equilíbrio do fator trabalho entre as regiões envolvidas.

Unidos. Ele percebeu que o estudo realizado na Grã-Bretanha foi válido para as demais nações observadas.

[...] vários dos temas e conceitos que anuncia são os posteriormente estudados: classificações de migrantes (temporários, de curta e média distância, entre outros), migrações por etapas, regiões de atração e repulsão, efeito da distância, contra-correntes, ação de estímulos económicos, etc... (PEIXOTO, 2004, p. 5).

O autor concluiu que as migrações populacionais geravam equilíbrio entre a oferta e demanda por mão de obra. O estudo migratório de Ravenstein introduziu o conceito “*push-pull*”, onde o indivíduo analisava uma série de fatores da região de onde a migração se originou em comparação com sua previsão de ganhos na região de destino.

Everett Lee (1980 *apud* STAEVIE, 2012) utilizou o trabalho do clássico Ravenstein, na busca de uma teoria que pudesse explicar as migrações de uma forma geral:

[...] Na mesma linha de Ravenstein surge com destaque o trabalho de Everett Lee, intitulado “*A theory of migration*” publicado em 1966 na revista *Demography* (LEE, 1980). O trabalho de Evertt Lee é considerado um dos clássicos no campo dos estudos migratórios. Partindo dos estudos de Ravenstein, busca definir uma teoria geral da migração capaz de responder aos mais diversos questionamentos referentes ao fenômeno migratório ao longo da história. Dentre outros condicionantes, destaca fatores como distância, tecnologia e motivação econômica. Para o autor, os fatores que pesam na decisão do ato de migrar estão relacionados à: local de origem, local de destino, obstáculos intervenientes (para a migração) e fatores pessoais. (STAEVIE, 2012, P. 38).

Em sua análise migratória Lee introduziu a noção de fatores “positivos” e “negativos” relacionados às regiões de saída e regiões de destino dos imigrantes, outros fatores seriam considerados pelos agentes como a distância percorrida e motivações particulares. Assim como Ravenstein, o autor considerou que a decisão migratória tem origem nas decisões racionais dos indivíduos.

Sua análise migratória foi realizada através da observação dos inúmeros países, aqueles que estavam se desenvolvendo receberam atenção especial por parte do pesquisador, pois nesses países ocorreram consideráveis alterações no mercado de trabalho. Sua visão teórica se encaixa nos modelos neoclássicos, assim como Ravenstein, ambos consideraram o problema da “[...] *escassez X excesso de mão de obra e a mobilidade da mesma, focando sua atenção à questão do trabalho*” (STAEVIE, 2012, p. 39).

Conforme apontado por Staevie (2012), as obras dos dois autores apresentaram certa “unanimidade” conceitual, mas as demais obras seriam mais divergentes

onde diversos autores buscaram classificar as diferentes vertentes conforme sua proximidade conceitual.

Como exemplo, temos Oliveira e Stern (1980 *apud* STAEVIE, 2012), que partindo da interpretação sociológica classificaram as correntes internas de migração como provenientes da “modernização” e aspectos de ordem “histórico-estrutural”, a primeira corrente pode ser explicada através da modernização que ocorre em diferentes regiões, as transformado de economias atrasadas (rurais) em economias modernas (industrializadas). Na segunda corrente as migrações são vistas como provenientes do próprio desenvolvimento capitalista, uma vez que foram surgindo diferenças estruturais entre as economias centrais e as economias periféricas.

A migração conforme Salim “[...] é qualificada conforme o tipo de movimento ou deslocamento espacial que representa, podendo ser: contínua, circular, intermitente, de retorno, por situação de domicílio, intra ou interregional [...]” (1992, p. 119).

Para o autor as teorias migratórias mais recentes descrevem a migração em decorrência de desigualdades econômicas, sociais e regionais, de forma que o ato de migrar ocorre devido a uma busca por melhores condições de vida. Salim classificou as correntes migratórias em três troncos teóricos.

O Primeiro tronco é composto pelos “modelos neoclássicos contemporâneos”, em que a migração é vista como proveniente da decisão racional dos agentes. Devido ao desequilíbrio entre os fatores de produção terra, capital e matéria prima. Como existem desigualdades entre as diferentes regiões o ato migratório corrigiria essas discrepâncias.

A migração, vista como fenômeno positivo, possibilita a transferência de excedentes populacionais de um setor para outro [...] Sendo consequência das diferenças regionais, a migração tem papel decisivo na eliminação dessas mesmas diferenças, atuando como fator corretivo dos desequilíbrios sócio-econômicos no espaço[...] (SALIM, 2013, p.123).

O segundo tronco, é o “histórico-estrutural”, o qual considera as desigualdades estruturais existentes entre diferentes regiões. São elas políticas, econômicas e sociais. As migrações são explicadas a partir das desigualdades regionais.

O terceiro tronco teórico é o elaborado por Jean Paul Gaudemar, que considera a “mobilidade da força de trabalho”, onde os trabalhadores se mobilizam conforme os movimentos do capital que direcionariam os fluxos populacionais.

Gaudemar em seu estudo migratório nos apresenta que as migrações ocorridas a partir do século XVIII, tiveram como forma impulsionadora as diferenças estruturais entre as regiões. O autor percebeu que o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas foi um fator determinante na direção dos fluxos migratórios, o movimento territorial das empresas influenciou no movimento dos homens.

Peixoto (2004) classificou as diferentes correntes migratórias em “micro” e “macro” sociológicas. Sua classificação microsociológica se baseou nas ações dos indivíduos, sendo composta pelos modelos: “*push-pull*”, “capital humano”, “ciclo de vida” e “trajetória social”.

O modelo “*push-pull*” considera a análise dos fatores de atração e fatores de repulsão dos agentes econômicos, a partir de uma análise racional, diversos elementos são considerados como distância, presença de redes sociais, possibilidade de emprego e rendimento, entre outras.

A teoria do “capital humano”, parte do modelo “*push-pull*”, mas como nem sempre o ato de migrar trará benefícios no curto prazo, pesará na decisão migratória a possibilidade de capacitação profissional do agente e de sua família. A migração poderá ser rentável no longo prazo uma vez que acarretará em uma maior qualificação do trabalhador ou de sua família, o que poderá ser revertido em ganhos econômicos.

O “ciclo de vida” do indivíduo pode pesar em sua decisão migratória, pois sua idade, estado civil e número de filhos tendem a influenciar na sua decisão. A “trajetória social” recebe influência segundo a situação laboral do migrante, onde muitas vezes a mobilidade está relacionada à busca pelo sucesso profissional.

Dentre as teorias que tem origem nos eventos agregados e nas estruturas, temos as de caráter macrossociológico, sendo compostas pelas vertentes: “mercado de trabalho segmentado ou dual”, “estruturas espaciais”, “sistema-mundo”, “sistemas migratórios”, “institucionais”, “enclaves étnicos” e “redes migratórias”.

Na primeira vertente, as transformações produtivas que ocorreram nas economias mais desenvolvidas levaram a existência de um setor informal, que foi suprido pelos trabalhadores das regiões não desenvolvidas, o fordismo foi um dos marcos desta teoria. Para o mercado formal entraram os trabalhadores mais qualificados, cabendo aos de menor qualificação os menores salários e os piores postos de trabalho.

As vertentes da “estrutura espacial”, “sistema-mundo” e “sistemas migratórios” conferem a análise espacial da migração. Nas estruturas espaciais estão inseridos diversos elementos relacionados à produção industrial, que levaram a concentração das

atividades em determinados espaços. A localização destas áreas industriais condicionaria os fluxos migratórios.

A vertente “sistema-mundo” deriva da teoria de Wallerstein (1973, 1986), as diferenças estruturais entre diversos países direcionaram muitos fluxos migratórios, a vertente dos “sistemas migratórios” analisa o contexto histórico em que as migrações foram inseridas, contexto composto por aspectos particulares de cada região como sua economia, sociedade, aspectos políticos e tecnológicos.

As teorias “institucionalistas” abordam a importância das instituições na decisão migratória e o papel dessas no apoio dos migrantes até o ponto de sua chegada. Essas instituições tem um importante papel no direcionamento dos fluxos migratórios. As instituições são compostas por estados, entes públicos, entes privados, entre outros.

Os “enclaves de imigrantes”, “enclaves étnicos” também apresentaram influência para criar relações comerciais e culturais entre distintas áreas. Abordaremos as “redes migratórias” na próxima seção (por a considerarmos de fundamental importância para o direcionamento dos imigrantes libaneses para Foz do Iguaçu).

#### 1.4.1 As Redes Sociais de Migração

A teoria das “redes sociais” destaca o papel dos entes conhecidos e de familiares para dar segurança a migração e direcionar seus fluxos.

[...] os migrantes não actuam isoladamente, nem no acto de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da imigração (como os “engajadores”), que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva [...] (PEIXOTO, 2004, p. 29).

A formação de uma rede social permite que os fluxos de imigrantes ganhem volume e se tornem contínuos, pela sua capacidade de diminuir os riscos oriundos da migração, devido a sua importância para a adaptação dos migrantes e colocação desses no mercado de trabalho.

No entanto mesmo com sua importância para adaptação dos migrantes, estas redes vistas como empresas, instituições ou até mesmo relações de trabalho, podem se tornar uma ferramenta de dominação social, submetendo os novos imigrantes a estruturas dominantes- dentro da própria rede social de migração.

Para Truzzi (2008), as redes sociais e as cadeias de migração, foram elementos que permitiram a inserção laboral dos futuros migrantes.

O termo cadeias, concebido na década de 1960 por pesquisadores australianos, foi originalmente definido “como o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores. (MACDONALD e MACDONALD, 1964, p. 82 *apud* TRUZZI, 2008, p. 202).

O termo cadeias abordado pelos pesquisadores australianos, ficou conhecido de forma genérica como “redes migratórias”. Para Massey (1988 *apud* TRUZZI, 2008) essas redes foram compostas por laços interpessoais que uniram os que haviam migrado aos não migrantes.

Essas redes tiveram importante papel para direcionar os fluxos migratórios, uma vez que seus conterrâneos que tinham imigrando lhes forneciam informações sobre os fatores positivos e negativos da região de destino. Estes laços também contribuíram para inserção laboral dos futuros migrantes e muitas vezes lhes forneciam recursos que possibilitavam a migração.

De qualquer modo, o emprego dos termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procura sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades (e dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam. Estes podiam prover tanto informações, no tocante às perspectivas de emprego e alojamento iniciais, como recursos, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem. Cabe, nesse sentido, sublinhar o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou refreando projetos, expectativas e investimentos futuros. (TRUZZI, 2008, p. 203).

Como essas redes estavam formadas essencialmente por pessoas próximas do migrante, como seus parentes e familiares, muitas vezes esses membros acabavam financiando a migração de seus compatriotas.

O impacto de uma carta de um amigo ou familiar nas suas vilas de origem, exercia maior influência do que o aparato publicitário realizado por muitas agências, o que ocorria devido a maior confiabilidade na primeira fonte de informação.

A teoria das redes sociais explica as migrações a partir das interações sociais, algo não pensado na teoria neoclássica, que enxerga as migrações como resultado da análise de custo-benefício dos indivíduos.

Obviamente o indivíduo considerará seu ganho econômico na decisão migratória, mas as redes consideram variáveis de ordem cultural e social. As redes sociais podem explicar a migração em momentos em que os ganhos econômicos não são favoráveis.

No Brasil essas redes foram muito importantes para a formação de colônias de estrangeiros, pois minimizavam os riscos oriundos das migrações. A preexistência de conterrâneos e de redes sociais possibilita a integração do migrante na região receptora, muitas vezes auxiliando no seu direcionamento profissional.

Foi o que ocorreu nas migrações de libaneses, em que os patrícios que já estavam no Brasil possibilitaram que os seus conterrâneos que fossem chegando se inserissem no mercado como mascates ou comerciantes.

## 2. MIGRAÇÕES NO PARANÁ

Os primeiros habitantes a povoarem o Paraná foram os povos indígenas, seguidos dos portugueses, escravos<sup>6</sup> e castelhanos, a migração era vista como necessária para o desenvolvimento do Estado.

Até o começo do século XVIII, a população da região onde hoje se configura o Paraná era constituída de portugueses, vindos do Reino, castelhanos, índios, negros africanos e de nativos descendentes dessas três raças. A mão de obra constituía a maior dificuldade para o desenvolvimento do território. Nesse contexto, a imigração passou a ser vista como solução para o problema. (PRIORI, 2012, p.36).

O litoral do estado era composto por aventureiros e bandeirantes, que buscavam apanhar índios carijós e por mineradores em busca de metais preciosos. O início da colonização do estado ocorreu na segunda metade do século XVI e início do século XVII, devido à mineração na região onde atualmente está localizada a cidade de Paranaguá.

Nas primeiras décadas do século XVII, foi descoberto ouro a oeste, e ao norte da baía de Paranaguá (Serra Negra, Cananéia, Iguape e Vale do Rio Ribeiro), mas como o volume encontrado não correspondeu à quantidade almejada pelos mineradores e pela coroa portuguesa, com o declínio de sua produção no início do século XVIII e com descoberta do ouro no centro-oeste do país, a região ficou em segundo plano sendo abandonada pela maior parte dos mineradores.

Durante os séculos XVIII e XIX, passavam pela região que vai de Guarapuava ao litoral paranaense os “caminhos” das tropas direcionadas ao abastecimento do estado de Minas Gerais. Durante o ciclo do ouro não havia em Minas Gerais plantio de alimentos e criação de animais para seu abastecimento, os insumos básicos eram fornecidos por outros estados brasileiros.

A carne bovina era abastecida principalmente pelo nordeste do país e pelo estado do Rio Grande do Sul (que enviava seus rebanhos a Sorocaba e da cidade Paulista eram comercializados com Minas Gerais). Como o Paraná estava localizado entre esses caminhos, foram surgindo comércios para o abastecimento destas tropas ao longo das cidades de: Palmas, Guarapuava, Imbituva, Palmeiras, Tibagi, Jaguariaíva, Castro, Ponta Grossa, Lapa, Morretes e Curitiba.

---

<sup>6</sup> Não estamos considerando-os como imigrantes pelo caráter forçado de sua vinda para o país.



A ocupação dos Campos Gerais foi realizada no início do século XVII, por bandeirantes paulistas que mantinham criação de gado no segundo planalto, na região de Ponta Grossa. Com suas fazendas já formadas solicitavam junto ao rei a concessão de uma sesmaria, estes proprietários não residiam no estado, delegavam a administração destas fazendas a escravos de sua confiança.

A atividade pecuária foi desenvolvida nessa região, pela existência de uma vegetação propícia a criação de gado. Durante o ciclo da mineração, que ocorreu no estado de Minas Gerais, a região dos Campos (Gerais) foi responsável pelo fornecimento de couro e carne, sendo que possuía a vantagem sobre os gaúchos de estar mais próxima ao centro consumidor. Com a existência dessa atividade surgiu à figura do tropeiro (aquele que tropeava os animais até a sua comercialização).

Em 1834, através do Ato Adicional o governo central permitiu que suas províncias participassem do processo de estabelecimento de colônias de imigração, o que contribuiu para que fosse empreendida uma política de colonização (de cunho estadual) ao final do século XIX.

A emancipação política do estado ajudou no estabelecimento de um projeto próprio de povoamento, sua autonomia teve influência na deflagração da Revolução Farroupilha, que dividiu as forças políticas no Brasil. As províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro temerosas de que a comarca do Paraná se aliasse aos revoltosos lhes prometeram sua emancipação em troca de sua aliança política. Até então o estado fazia parte da Comarca de São Paulo sendo emancipado politicamente anos mais tarde, em 1853.

As restrições impostas pela Inglaterra ao tráfico negreiro levaram a abolição da escravidão em 1888, à libertação dos cativos fez com que faltasse mão de obra para o trabalho agrícola, levando a província a iniciar uma política de colonização através da atração de imigrantes europeus.

O ideal de atração de uma mão de obra para o trabalho rural foi somado ao desejo das classes dominantes de branqueamento da população brasileira, uma vez que naquele período, a população negra já era superior à população branca.

As restrições impostas ao tráfico negreiro ocasionaram a falta de mão de obra nos cafezais paulistas, o que fez com que os fazendeiros comprassem escravos das províncias vizinhas. Com a venda dos escravos (do Paraná) para a província de São Paulo, faltou mão de obra para o trabalho agrícola e como a sociedade da época via o trabalho do campo como inferior ocorreu inflação nos preços dos alimentos.

Na província de Santa Catarina foram formadas colônias com as populações tradicionais da região e imigrantes europeus. Esses povos iniciaram várias culturas, atraídos pela elevação dos preços. A província do Paraná a exemplo de Santa Catarina fortaleceu a iniciativa e instalação de colônias de povoamento como forma de superar a falta de alimentos.

Até 1948 os maiores grupos de imigrantes que entraram no estado foram os: poloneses (57.000), Ucrânicos (22.000), alemães (20.000), japoneses (15.000), italianos (14.000) e franceses, austríacos, ingleses, russos, sírio-libaneses, holandeses e outros em menor número (WACHOWICZ, 1988).

A extração de erva-mate já ocorria no final do século XVIII, mas sua comercialização ganhou importância econômica no início do século XIX até o começo do século XX.

Nesse período a extração da erva-mate se tornou um polo de atração de trabalhadores, alguns colonos que dispunham de recursos adquiriram propriedades e os menos afortunados trabalhavam com a coleta dos ervais.

Para os que não dispunham de condições financeiras para tais aquisições, ainda restava a oportunidade de trabalhar nos ervais, dada a facilidade das primeiras operações, que se resumiam na extração do produto para posterior beneficiamento. Tanto essas facilidades eram evidentes, que a atividade ervateira funcionava como uma espécie de pólo de atração, para o qual se direcionava um contingente muito grande de pessoas e capitais, em detrimento muitas vezes de outras atividades econômicas, como, por exemplo, a própria agricultura de subsistência. (TRINTIN, 2001, p. 55).

A extração de madeira (peroba, cedro, canela-preta, imbuia e pinheiro-do-paraná) ocorreu principalmente para atendimento das demandas internas do estado, pois os demais estados davam preferência à madeira importada, mas com a Primeira Guerra Mundial e uma política de substituição de importações no início do século XX essa atividade ganhou importância econômica (que perdurou até os anos 60, com o esgotamento de suas reservas).

Mesmo com o beneficiamento da erva-mate e da madeira, o período extrativista não possibilitou uma maior diversificação das atividades econômicas, pois empregava uma tecnologia muito rudimentar e possuía baixa produtividade.

No início do século XX a produção do café no norte do estado se destacou como principal atividade econômica. O estado de São Paulo um dos principais produtores apresentou ao fim do século XIX uma baixa produtividade devido ao esgotamento de seu solo e incidência de geadas.

O Convênio de Taubaté (1906) foi um acordo firmado entre os principais estados produtores limitando que estes realizassem novas plantações de café, o que contribuiu para ampliar esse cultivo para outros estados.

Com a expansão do cultivo do café, no norte paranaense, chegaram colonos oriundos: do interior de São Paulo (Campinas, São Carlos e Ribeirão Claro), do nordeste e de Minas Gerais.

O plantio do café a partir de 1920 foi realizado em pequenas propriedades familiares, de forma que a redução dos preços desse produto no mercado internacional, nem sempre desestimulava estes produtores, que muitas vezes possuíam culturas destinadas a sua subsistência. Mesmo com preços menores a maior produtividade da região possibilitou que estas famílias mantivessem essa cultura.

A companhia colonizadora inglesa *Paraná Plantations Limited*, criou uma subsidiária no Brasil a Companhia Terras Norte do Paraná (CTNP) a qual comprou terras do governo paranaense por uma ninharia, e iniciou o projeto de colonização no norte do estado.

Em 1928, a CTNP adquiriu ações da Estrada de Ferro São Paulo - Paraná, se até então as terras da região pouco valiam devido a uma precária estrutura viária, com este empreendimento suas terras foram valorizadas (até mesmo porque a companhia só adquiriu estas terras, devido ao conhecimento prévio da passagem de uma linha férrea).

A construção das estradas ficou a cargo da companhia. Para venda de suas terras foram utilizados os meios de propaganda em uma escala nacional e internacional, direcionada aos europeus. A venda era baseada em pequenas propriedades e o pagamento era parcelado.

Os colonos do norte do estado tinham como atividades secundárias a suinocultura e plantio de milho como insumo da primeira atividade. Paralelo à cultura de suínos surgiram frigoríficos, mas na segunda metade da década de 40 quando o Paraná passa a condição de maior produtor de café do país estas culturas foram reduzidas (para dar espaço ao plantio de café).

O projeto de colonização do norte do estado elaborado pela CTNP influenciou os próximos projetos de colonização elaborados pelo Paraná. O governo criaria programas de povoamento aos moldes desta companhia, baseados nas pequenas propriedades rurais, a partir disso foram surgindo novas colônias no norte novo (na região das cidades de Maringá, Londrina e Apucarana) e nas regiões leste e sudoeste.

Nos finais da década de 30 o Paraná ainda possuía grandes áreas de terras inexploradas no norte do estado. Diante da perspectiva de bons resultados dos projetos de colonização, notadamente o da Companhia de Terras Norte do Paraná, o governo estadual passou também a empreender programas de colonização semelhantes, loteando e vendendo terras, predominantemente em pequenas propriedades. Devido a essa iniciativa, várias frentes de povoamento foram abertas, principalmente a partir dos anos 50, alcançando áreas não só no norte, como o Norte Novíssimo, mas também outras em direção ao leste e sudoeste do estado. (TRINTIN, 2001 p. 67).

**Figura 1-** Companhia de Terras Norte do Paraná



Fonte: REVISTA HELENA, 2012.

Em 1943 a companhia inglesa vendeu sua subsidiária CTNP, em decorrência da Segunda Guerra Mundial e da nacionalização da estrada de ferro, a companhia passou a ser chamada de Companhia Melhoramentos Norte Paraná (CMNP). Essa companhia participou dos projetos de colonização de Maringá, Cianorte e Umuarama.

O período extrativista<sup>7</sup> não havia gerado a acumulação de recursos suficientes para a efetiva colonização no estado, mas nas primeiras décadas do século XX a extração de madeira somada a atividade cafeeira, possibilitaram uma maior diversificação econômica. A produção cafeeira diversificou a produção nos setores primários, secundários e terciários, possibilitando que o setor industrial se sobressaísse aos demais setores com elevadas taxas de crescimento.

Os recursos públicos provenientes da atividade cafeeira possibilitaram o financiamento da infraestrutura necessária para o escoamento da produção e chegada de novas populações.

<sup>7</sup> Período em que a extração de erva mate e madeira eram as principais atividades econômicas presentes no estado.

[...] a renda gerada na cafeicultura foi importante para o financiamento de grande parte da infra-estrutura econômica e social, principalmente em decorrência do crescimento populacional que passou a se verificar no Estado em razão das correntes migratórias que se estabeleceram nessa época e da crescente necessidade de escoamento da produção local. (TRINTIN, 2005 p. 63).

Mediante a possibilidade de perda do domínio do sudoeste do estado (devido à pretensão Argentina sobre a região) e a possibilidade de desenvolver a pecuária nos campos de Palmas, levou a sua ocupação nas primeiras décadas do século XIX, e a partir da segunda metade do século XIX, a exploração da erva-mate foi realizada nesta região.

Nas primeiras décadas do século XX, ocorreu o auge na extração ervateira, período no qual muitos argentinos adquiriram porções de terras no sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina, os trabalhadores dessa atividade eram em sua maioria de origem paraguaia sendo que  $\frac{1}{4}$  da população do sudoeste na década de 20 era composta por argentinos e paraguaios. Nas duas décadas seguintes a extração da erva mate seria reduzida e a população argentina e paraguaia da região cairia para 1% (WACHOWICZ, 1988).

A colonização do oeste e sudoeste do estado surgiu como resultado da prática de atividades extrativistas (de madeira e erva-mate). Na primeira metade do século XX a colonização dessas regiões passou a ser incentivada pela “Marcha para o Oeste” do presidente Getúlio Vargas.

A criação do Território do Iguazu (1943 - 1946), território composto pelos estados do Paraná e de Santa Catarina, demonstrou a preocupação do governo federal em garantir a soberania em suas fronteiras. Esse território englobava uma região onde muitas vezes suas fronteiras eram contestadas<sup>8</sup>.

Em um primeiro momento imigraram (para o oeste e sudoeste) peões das cidades paranaenses de Palmas, Clevelândia e Guarapuava, de Santa Catarina vieram posseiros que muitas vezes haviam perdido suas terras durante o conflito do Contestado, do Rio Grande do Sul chegaram alguns fazendeiros desafortunados. Imigrantes argentinos e paraguaios, que são os países que fazem fronteira com estas microrregiões, vieram para desbravar as terras da região e trabalhar nas atividades extrativistas.

A colonização de Pato Branco ocorreu no início do século XX, como uma alternativa aos paranaenses que com a Guerra do Contestado acabaram ficando na porção de

---

<sup>8</sup> Conflitos ocorridos ao longo do século XIX e no início do século XX como a Guerra do Paraguai (1864-1869), a disputa da Argentina pela questão de delimitação das fronteiras “Questão de Palmas” (resolvida em 1895 em favor do Brasil) e a Questão do Contestado (resolvida em 1916, com a mediação entre Santa Catarina e Paraná) realçariam a importância de políticas de ocupação desta região.

terras do oeste de Santa Catarina (que foi incorporado do Paraná) e possuíam o desejo de retornar ao estado.

No ano de 1940 os colonos vindos do Rio Grande do Sul imigraram devido a uma minifundização, que surgiu em meio ao aumento da atividade pecuária. A partir da década de 60 a queda na produção do café fez com que muitos colonos das zonas cafeeiras do estado imigrassem para a região.

A primeira metade do século XX é caracterizada pelo crescimento da economia industrial brasileira: na década de 30 ocorreu o início da industrialização substitutiva e na década de 50 tivemos medidas que permitiram a entrada do capital estrangeiro.

Em 1970, o Paraná foi incorporado a este processo de industrialização com a inserção de novas tecnologias agrícolas (máquinas, equipamentos, fertilizantes, pesticidas, entre outros).

A tabela 1 mostra a proporção de residentes (por estados da região sul) não natural do estado, o Paraná foi o estado que apresentou, no período observado, a maior proporção de residentes vindos de fora do estado, o que se deve a ocupação de sua fronteira agrícola.

**Tabela 1** - Proporção da população não-natural da UF em que foi recenseada em relação à população total, nos Estados da Região Sul: 1960 a 1991

ESTADOS	1960	1970	1980	1991
Paraná	39,3	35,6	27,1	21,4
Santa Catarina	10,7	10,7	11,8	12,2
Rio Grande do Sul	1,4	1,5	2,6	3,3

FONTE: CENSO DEMOGRÁFICO - IBGE *apud* RIPPEL, 2005.

A colonização efetiva do estado ocorreu após a 2ª Guerra Mundial, em 1960 com a modernização da produção agrícola e na década seguinte com o aumento da exportação de soja e outras monoculturas.

Os pequenos proprietários rurais nem sempre conseguiram acompanhar esta modernização, a falta de recursos próprios fez com que buscassem financiamento no setor bancário, o que onerou ainda mais sua produção.

A política de crédito oferecida na época privilegiou a monocultura em detrimento da policultura, produção existente até então, em que o agricultor possuía o controle sobre quais culturas deveria realizar.

Os monocultores obtinham empréstimos subsidiados para o cultivo das culturas como a do trigo e da soja, estes empréstimos obrigavam seus solicitantes a padronizar suas plantações através da aquisição de sementes modificadas, pesticidas, adubos químicos, bens de capital, entre outros.

O preço das monoculturas era determinado fora do país e seus mercados consumidores também eram os mercados externos. Neste momento o estado nacional privilegiou a produção de bens exportáveis.

Muitos agricultores que trabalhavam nas condições de proprietários, parceiros ou arrendatários, perderam suas terras na impossibilidade de pagar estes empréstimos o que aumentou a concentração fundiária no estado.

A modernização da produção levou a redução do número de trabalhadores necessários, levando ao êxodo rural (na década de 80). Muitos trabalhadores rurais imigraram para o centro-oeste e Amazônia, em busca da aquisição de novas terras.

Neste momento as imigrações dentro do estado se reorientariam, regiões como a sudoeste que durante a expansão da fronteira agrícola possuía saldos migratórios positivos com a modernização da agricultura passou a ter saldos migratórios negativos.

O Sudoeste paranaense, ao longo do século XX, teve uma dinâmica migratória em que se podem identificar três períodos distintos de evolução demográfica, por meio de um processo migratório que exerceu papel fundamental na configuração espacial: entre 1900 e 1940, a região exibia uma população dispersa e rarefeita, circunscrita em torno da econômica de subsistência; de 1940 a 1970, ocorreu a expansão acelerada da fronteira agrícola estadual, que atraiu milhares de trabalhadores e seus familiares de outras partes do país, acarretando, simultaneamente, ocupação e apropriação extensivas e intensivas; entre 1970 e 2000, a inserção do Estado do Paraná no processo de modernização da agricultura, em que o agro se tornou subordinado ao industrial, impôs uma nova divisão social e territorial do trabalho ao Sudoeste paranaense, promovendo uma rápida e drástica diminuição populacional das áreas rurais, o que estimulou vigorosamente a urbanização e provocou a formação de imensas correntes emigratórias que transpuseram as fronteiras estaduais. (MONDARDO, 2011, p. 103).

Na tabela 2, podemos observar que a região oeste do estado também passou pelo mesmo processo de modernização agrícola e diminuição no ritmo de crescimento populacional. A partir dos anos 60 a taxa de crescimento da região foi superior a do estado e do país, mas na década de 80 o crescimento populacional da região estaria próximo ao ocorrido no país.

**Tabela 2** - População Total e Taxas de Crescimento Populacionais anuais: Oeste do PR, Paraná e Brasil, 1940 a 2000

ANO	OESTE DO PARANÁ		ESTADO DO PARANÁ		BRASIL	
	População Total	Taxa de Crescimento % Anual do Período	População Total	Taxa de Crescimento % Anual do Período	População Total	Taxa de Crescimento % Anual do Período
1940	7.645	-	1.236.276	-	41.236.315	-
1950	16.421	7,94	2.115.547	5,52	51.944.397	2,34
1960	135.697	23,51	4.296.375	7,34	70.992.343	3,17
1970	768.271	18,93	6.929.821	4,90	93.134.846	2,75
1980	1.009.432	2,76	7.629.849	0,97	119.011.052	2,48
1991	1.047.990	0,34	8.448.713	0,93	146.825.475	1,93
2000	1.164.200	1,18	9.558.454	1,38	169.799.170	1,63

Fonte: RIPPEL, 2005.

A partir de Rippel (2005), concluímos que as transformações que reorientaram a economia e a estrutura fundiária da região estiveram ligadas as políticas econômicas de cunho nacional e estadual que priorizaram as exportações de grãos.

O autor aponta como principais causas da emigração: busca de regiões onde as atividades econômicas eram mais dinâmicas e o êxodo rural ocorrido. Dentre os motivos para a imigração para o oeste do estado estão a importância crescente dos setores secundários e terciários e a crescente urbanização da região.

As políticas públicas aplicadas na época (como crédito subsidiado) foram de encontro aos interesses dos grandes capitais, que nas últimas etapas da industrialização brasileira precisavam de um mercado para sua produção (de bens e equipamentos agrícolas e insumos para esta atividade).

Entre os anos 1970 a 2000 a modernização da produção e a urbanização possibilitaram a existência de uma massa de trabalhadores a ser utilizada nas indústrias que vinham surgindo no estado.

De 1970 a 1985 Trintin (2001) descreve uma desconcentração da atividade industrial, que até então ocorreu nos moldes da tradicional divisão do trabalho entre centro e periferia, no caso brasileiro o estado de São Paulo funcionou como centro industrializado e estados como o Paraná eram regiões complementares.

Com a desconcentração da industrialização ocorrida na esfera nacional por volta de 1975, a Região Metropolitana de Curitiba (RMC) se tornou o centro dos investimentos estaduais e os demais municípios estiveram ligados às atividades agroindustriais.



Em 1974 Curitiba era responsável por 30,34% do valor adicionado na indústria paranaense, em 1985 esse valor saltou para 48,46%, Ponta Grossa, Londrina, Maringá e outras microrregiões tiveram sua participação reduzida, nesse mesmo período.

A produção industrial do Paraná no período que vai do ano 1950 até 1970 estava basicamente concentrada no beneficiamento de madeira e produtos de origem alimentícia, esses dois setores representaram na década 50 56,87 % no valor da transformação industrial do estado, na década de 60 representavam 63,64 % deste total e na década 70 representavam 46,80% (TRINTIN, 2001, p. 78).

A produção das monoculturas da soja, trigo e milho contribuíram para a diversificação econômica no estado ao longo da década 70 e 80 uma vez que foram surgindo indústrias de beneficiamento destes bens primários.

A segunda metade da década de 80 é caracterizada pelo rompimento desta diversificação econômica com o esgotamento da industrialização substitutiva brasileira, déficits nas contas públicas e balanço de pagamentos, inflação e crise da dívida externa.

Como as demais regiões do estado passavam por um período de grandes emigrações, a RMC e outras regiões de maior desenvolvimento econômico se tornaram polos de atração de boa parte destas massas populacionais, sobretudo nas últimas décadas do século XX.

Na próxima seção caracterizaremos as migrações para Foz do Iguaçu, no final do século XIX essa região ainda era pouco habitada, sendo que seu povoamento ocorreu através de imigrações.

Buscaremos compreender de que forma os diferentes ciclos econômicos contribuíram para o aumento populacional, e a influência destas populações nas atividades econômicas desempenhadas pelo município.

## **2.1 MIGRAÇÕES EM FOZ DO IGUAÇU**

Após a Guerra da Tríplice Aliança, foram tomadas as primeiras medidas oficiais visando à ocupação da cidade, primeiramente foi formada uma comissão em Guarapuava para debater a ocupação da região.

Em 1889 foi estabelecida uma colônia militar onde atualmente está localizada a cidade de Foz do Iguaçu, essa colônia tinha em vista garantir o domínio da região e integrá-la ao restante do país. Na época em que a colônia foi instalada havia 324 moradores

na cidade: sendo 188 paraguaios, 33 argentinos, 93 brasileiros, 5 franceses, 2 espanhóis, 1 inglês e 2 orientais (NETO, 1995 *apud* ROSEIRA, 2006).

Em 1892 grandes latifundiários adquiriram amplas propriedades na margem esquerda do Rio Paraná, através da Lei de Terras<sup>9</sup>, que permitiu que companhias colonizadoras administrassem a venda destas terras. Esta lei legitimou a exploração de recursos naturais existentes, o governo do estado fiscalizava essas atividades, mas não conseguiu realizar a adequada tributação devido a sua fragilidade administrativa.

No início do século XX a região ainda carecia de uma efetiva participação do estado, a principal atividade econômica existente (a extrativista), permanecia sobre o controle de empresas argentinas:

[...] a clara situação de abandono em que se encontrava a região, bem como a exploração econômica que a Argentina vinha estabelecendo sobre o Brasil, mantendo trabalhadores em regime de semiescravidão, em grandes latifúndios de exploração de erva-mate. (PRIORI, 2012 p. 64).

**Figura 2 - Mensus: trabalhadores dos grandes latifúndios**



Fonte: Jornal A Gazeta do Iguaçu, 2014.

---

<sup>9</sup> A Lei de Terras (1850) regulamentou a posse de terras no Brasil, os territórios que não foram reclamados foram considerados como terras devolutas, sendo de posse do estado nacional. A Constituição da República de 1891 delegou aos estados o controle destas terras, permitindo que amplos territórios localizados no oeste e sudoeste do estado do Paraná fossem cedidos a empresas particulares para pagamento da construção de ferrovias, a exemplo (PRIORI, 2012).

A maior parte da população era composta por paraguaios e argentinos inseridos nas atividades ervateiras, a língua falada pela maior parte da população era o espanhol (e o guarani, como língua secundária), a moeda utilizada era o peso argentino. Com o tempo também foram surgindo moedas próprias das obrages<sup>10</sup> conhecidas como “boleto”.

Na década de 1930 o governo pôs fim às concessões que as empresas argentinas possuíam para explorarem a região. Nesse momento a erva-mate já sofria desvalorização no mercado argentino, o que contribuiu para que estas atividades se reduzissem.

A presença de empresas colonizadoras passou a ser mais marcante, uma vez que as empresas extrativistas dificultavam sua atuação. O estado passou a lotear diversas terras do oeste paranaense, empresas colonizadoras e imobiliárias realizavam a venda dessas terras.

Assim como ocorrido em outros municípios do Paraná colonos vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul desenvolveram atividades agrícolas (as quais também contribuiriam para a economia da cidade).

Mesmo com a queda na exploração dos ervais, essa atividade atrelada à extração de madeira, foram as principais atividades econômicas existentes na região no período que vai de 1870 a 1970.

**Figura 3** - Madeira extraída na região oeste



Fonte: Jornal A Gazeta do Iguçu, 2014.

---

<sup>10</sup> Grandes latifúndios.

A criação da cidade de Puerto Presidente Stroessner em 1957 (Ciudad Del Este, atualmente) e a construção da Ponte Internacional da Amizade em 1965, propiciaram uma maior articulação do comércio entre Foz do Iguaçu e a cidade paraguaia.

**Figura 4** - Ponte Internacional da Amizade



Fonte: Jornal A Gazeta do Iguaçu, 2014.

Em 1969 o fim das obras de pavimentação da Rodovia BR 277 contribuíram para uma maior articulação da cidade ao resto do estado (interligando Foz do Iguaçu a Paranaguá). Transformações na infraestrutura do município (como a pavimentação de ruas, a construção da Rodovia BR 277 e a construção da Ponte Internacional da Amizade) colaboraram para a chegada de novas populações e com elas o desenvolvimento do setor de serviços.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu foi de fundamental importância para o Brasil, uma vez que reduziu nossa dependência em relação ao uso de energias não renováveis. A obra teve início em 1973 reconfigurando a economia da região oeste do Paraná.

**Figura 5 - Itaipu Binacional**



Fonte: Jornal A Gazeta do Iguçu, 2014.

Foram atraídos trabalhadores de diversos estados brasileiros, dentre eles temos São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul (e outros). A construção da Usina de Itaipu demandou o aumento da prestação de serviços por parte do setor público e privado.

[...] Todo esse crescimento trouxe grandes transformações no quadro urbano de Foz do Iguçu, acarretando elevação na demanda por serviços públicos e privados, quer tenha esta origem nas necessidades para a construção da obra em si, quer tenha relação com a satisfação das necessidades dos trabalhadores e suas famílias, atraídas pela oferta de emprego [...] (WEBBER, 2003, p. 12).

Para a construção da usina foram reunidas empresas brasileiras e paraguaias, às empresas brasileiras se reuniram no consórcio denominado União de Construtoras (UNICON) e as empresas paraguaias foram unidas na organização CONEMPA SRL, para a obra foram empregados funcionários de ambas as nações. A desaceleração das obras da usina era acompanhada da liberação de trabalhadores, conforme tabela 3:

**Tabela 3-** Total de pessoas vinculadas à implantação da Itaipu Binacional 1974 a1986 (lado brasileiro e paraguaio)

	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
<b>Itaipu</b>	596	1.188	1.401	1.625	1.891	2.014	2.032	2.008	2.081	2.175	2.242	2.353	5.545
<b>Empreiteira</b>	-	4.549	12.005	20.860	29.427	24.590	22.726	25.908	17.140	10.280	8.065	8.021	10.826
<b>Total</b>	596	5.737	13.406	22.485	31.318	26.604	24.758	27.916	19.221	12.455	10.307	10.374	13.371

Fonte: ITAIPU BINACIONAL apud IPARDES, 1984 e MANARIN, 2008.

Neste período o comércio entre o Brasil (Foz do Iguaçu) e o Paraguai (Ciudad Del Este) adquiriu relativa importância, no próximo capítulo veremos mais detalhadamente a importância que esta atividade teve para a economia da cidade.

**Figura 6 -** Ciudad Del Este (Paraguai)



Fonte: A autora, 2015.

Uma maior importância do setor de serviços, assim como a importância do turismo de compras, foram fatores determinantes na manutenção das populações que migraram para a cidade no período de construção da Usina de Itaipu.

O aumento populacional demandou uma série de serviços abrindo espaço a investimentos. A partir do crescimento demográfico, o fator de atração de novas migrações foi a dinâmica comercial existente na região.

Com o término das obras e início do funcionamento de Itaipu, intensificou-

se o comércio de exportação e turismo de compras com o Paraguai. Esses fatores são constituídos em função de uma conjuntura econômica iniciada por crises e transformações no Brasil. Esses fatores causaram intenso movimento migratório para a cidade de Foz do Iguaçu. Originando, a partir desse período, grandes invasões em áreas públicas e privadas. As famílias eram atraídas pela localização fronteiriça de Foz do Iguaçu com o grande comércio aberto de Ciudad Del Este (Paraguai). (WEBBER, 2003, p. 13).

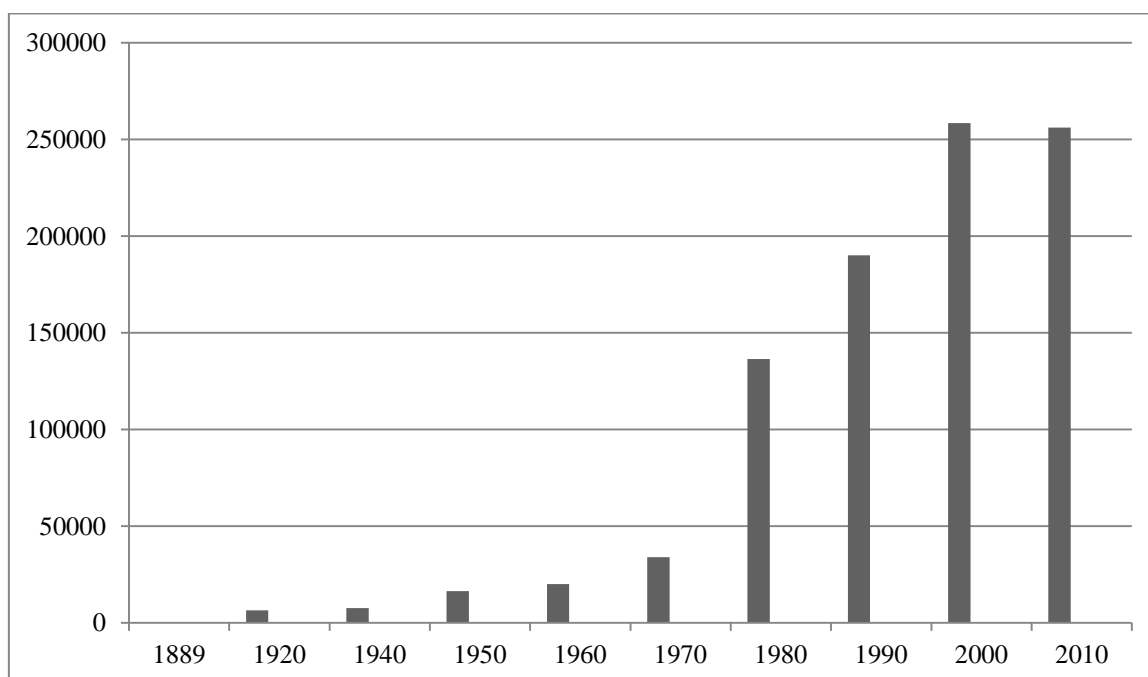
O aumento da população do município esteve relacionado com sua dinâmica econômica, a construção de Itaipu representou um incremento de mais de 400 % da população- no período de 1970 a 1980. De 1980 a 1995 o aumento populacional teve relação com o comércio exportador e turismo de compras (uma vez que o ritmo econômico proporcionado pela construção da Usina de Itaipu estava sendo desacelerado).

A população passou a ser atraída pelas oportunidades comerciais decorrentes da localização fronteiriça de Foz do Iguaçu, e as possibilidades de trabalho relacionadas ao comércio com o Paraguai.

[...] contrariando a tese de que a construção das obras da hidrelétrica a maioria dos trabalhadores de Itaipu partiria em busca de outras obras similares, notou-se a fixação da maior parte daquelas pessoas e de suas famílias em Foz do Iguaçu. Estas passaram a desenvolver funções relacionadas, cada vez mais, ao turismo de compras, ao comércio atacadista exportador e outras atividades ligadas ao setor terciário. (Webber 2003, p. 12).

A partir de 1995, o aumento populacional, teve relação com o setor terciário e atividades ligadas ao turismo (SMT, 2014). O que pode ser observado na figura 7.

**Figura 7** - Evolução da população de Foz do Iguaçu: 1889 a 2010



Fonte: Elaboração própria, a partir SMT, 2014.

O fim da construção de Itaipu, a concentração fundiária ocorrida no estado - com a modernização da produção agrícola (voltada à exportação) e a decadência do comércio com o Paraguai, fizeram com que o crescimento populacional fosse estagnado.

No início do século XXI boa parte dos estabelecimentos presentes na cidade eram informais, representando nas indústrias 54,9 %, nos comércios 51,8% e empresas de serviços 43,2% desse segmento. Em 2002 as empresas informais comportaram 14,3% dos trabalhadores iguaçuenses (WEBBER, 2003).

Nesse mesmo ano as empresas públicas representavam 2,4% dos estabelecimentos e as empresas de porte pequeno e micro representam 99% do total de empresas cadastradas no município e empregavam 65,9% dos trabalhadores.

Nos anos de 2000 até 2012 a indústria representava frações próximas a 2/3 do produto, e no ano de 2012 esta fração foi um pouco inferior a 2/3. Para o caso do estado do Paraná o setor que apresentou cifras parecidas foi o terciário. A diferença que o setor industrial desempenha na cidade só pode ser explicada pela geração de energia realizada pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Uma característica peculiar da cidade é que embora a maior parte dos empregos esteja concentrada nas atividades terciárias (conforme veremos na tabela 5) a atividade industrial foi a que mais contribuiu para o incremento do produto do município - Tabela 4.

**Tabela 4 - Valor Adicionado Bruto a Preços Básicos: Foz do Iguaçu/Paraná 2000 a 2012**

Local	Setor	2000		2005		2010		2012	
		Valor (R\$ 1.000,00)	%	Valor (R\$ 1.000,00)	%	Valor (R\$ 1.000,00)	%	Valor (R\$ 1.000,00)	%
Paraná	Agrop.	5.492.924	9,07	9.371.918	8,45	15.871.263	8,48	19.993.292	9,22
	Ind.	17.727.366	29,26	33.424.861	30,15	51.410.759	27,45	53.186.260	24,54
	Serv.	37.361.299	61,67	68.082.106	61,40	119.980.962	64,07	143.597.130	66,24
	Total	60.581.582	100	110.878.889	100	187.262.977	100	216.776.696	100
Foz do Iguaçu	Agrop.	7.341	0,25	12.851	0,28	19.661	0,32	21.190	0,30
	Ind.	2.016.285	69,87	3.086.292	66,64	3.900.696	62,81	4.205.689	59,23
	Serv.	862.169	29,88	1.532.417	33,09	2.289.937	36,87	2.873.218	40,47
	Total	2.885.794	100	4.631.560	100	6.210.294	100	7.100.097	100

Fonte: A autora a partir IPARDES - BASE DE DADOS DO ESTADO.

Nota: Para cálculo do Valor Adicionado Bruto Total são consideradas as saídas de mercadorias mais prestação de serviços Adicionado Bruto a Preços Básicos que compõem o cálculo do Produto Interno Bruto (PIB).



Segundo estudo realizado pela ACIFI (2005) intitulado, “A conjuntura econômica de Foz do Iguaçu: 1990-2004”, a participação da hidrelétrica na composição do produto do município é “virtual”, pois esta produção não contribui com a arrecadação de ICMS do estado e a devida parcela destinada ao município:

Denomina-se evolução virtual do PIB da indústria, pois, conforme já assinalado, o seu comportamento é só contábil, isto é, a ITAIPU declara o faturamento advindo de sua produção, para fornecer o volume financeiro assumido para a contagem do PIB industrial, mas esses recursos são internalizados parcialmente na economia de Foz do Iguaçu na demanda de alguns bens e serviços locais e nos salários pagos aos funcionários residentes no município, não agregando o restante da renda do ponto de vista das contas nacionais (juros, lucros e aluguéis). (ACIFI, 2005, p. 31).

A geração de empregos em Foz do Iguaçu de 1990 a 2010 esteve concentrada no setor comercial (varejista e atacadista) e setor de serviços. No período observado esses dois setores empregaram em torno de 80% do pessoal ocupado, o que pode ser observado na tabela 5:

**Tabela 5** - Empregos segundo atividade econômica: Foz do Iguaçu 1990 a 2010

Variável	1990		1995		2000		2005		2010	
	Empregos	%	Empregos	%	empregos	%	empregos	%	empregos	%
<b>Indústria</b>	1.300	4,49	2.434	8,00	2.662	8,23	3.377	8,19	3.549	6,96
<b>Const. Civ.</b>	4.051	13,98	1.709	5,62	2.163	6,69	1.833	4,45	2.273	4,46
<b>Com. Var.</b>	5.370	18,54	6.661	21,90	8.453	26,15	11.079	26,88	13.465	26,39
<b>Com. Atac.</b>	1.759	6,07	1.622	5,33	1.488	4,60	1.129	2,74	1.253	2,46
<b>Serviços</b>	14.935	51,56	17.627	57,96	17.364	53,71	23.559	57,16	30.289	59,37
<b>Agrop.</b>	73	0,25	183	0,60	199	0,62	236	0,57	188	0,37
<b>Ativ. N. Esp. /clássif.</b>	1.480	5,11	175	0,58	-	-	-	-	-	-
<b>Total</b>	28.968	100	30.411	100	32.329	100	41.213	100	51.017	100

Fonte: A autora a partir MTE/RAIS apud IPARDES - BASE DE DADOS DO ESTADO.

Nota: - Dado Inexistente

Atualmente a economia da cidade está voltada ao turismo e geração de energia elétrica, juntas essas atividades possibilitam a existência de todo um setor de serviços e estabelecimentos comerciais direcionados às demandas da população e dos turistas.

De 1985 a 2014 os estabelecimentos que mais cresceram foram: à indústria (444,95%), o comércio varejista (412,23%) e serviços (470,92%) o setor atacadista teve um crescimento inferior (132,98%) no período observado. Em números absolutos os setores que mais possuem estabelecimentos são os setores varejistas e de serviços (Ver tabela 6).

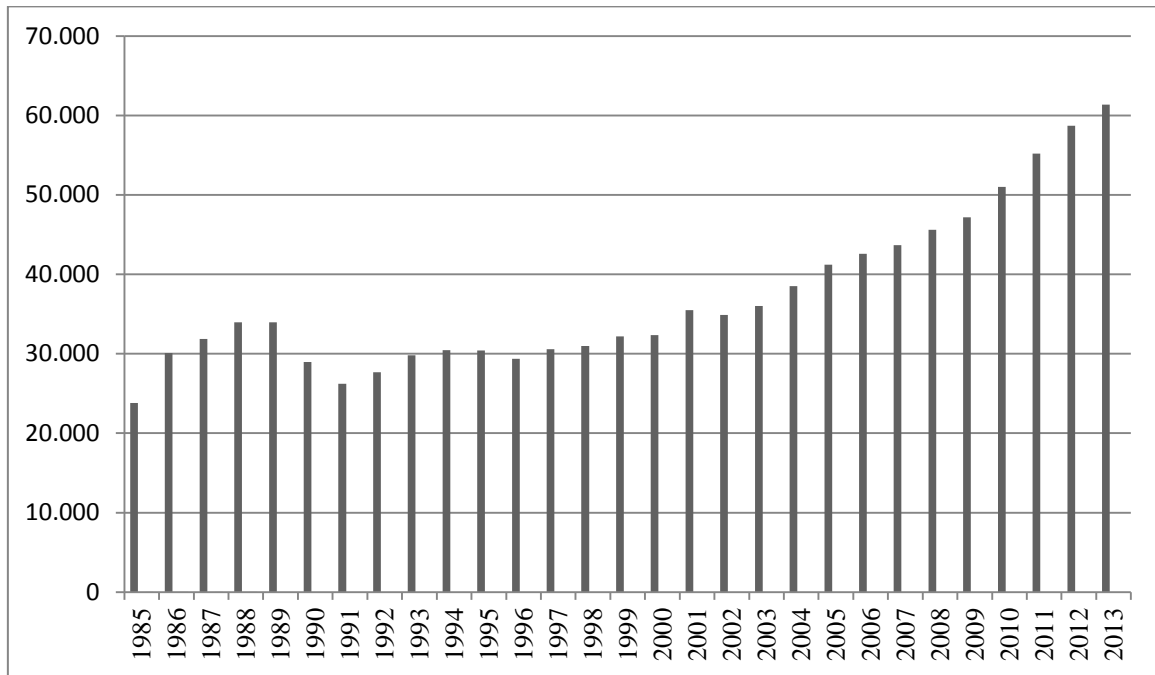
**Tabela 6** - Número de Estabelecimentos em Foz do Iguaçu 1985 a 2014

<b>Estabelecimentos</b>	<b>1985</b>	<b>1990</b>	<b>1995</b>	<b>2000</b>	<b>2005</b>	<b>2010</b>	<b>2014</b>
Indústria	89	158	177	219	286	321	396
Comércio Varejista	703	1.000	1.566	1.706	2.224	2.578	2.898
Comércio Atacadista	194	204	295	232	236	236	258
Serviços	626	1.012	1.500	1.688	2.046	2.427	2.948

Fonte: Elaboração própria a partir IPARDES, BASE DE DADOS DO ESTADO.

O fim do ciclo econômico baseado na construção da Usina de Itaipu apresentou grande déficit de empregos, quando a construção cessou milhares de trabalhadores ficaram desocupados, o enfraquecimento do turismo de compras por sua vez também apresentou percas sociais, mas o primeiro ciclo teve relação com uma política governamental e o segundo período foi algo espontâneo, fruto da localização espacial (região de fronteira) e proveniente de um grande contingente de trabalhadores desempregados em busca de reinserção no mercado de trabalho.

O turismo de compras possibilitou a consolidação da cidade enquanto polo turístico, na última década a evolução dos empregos vem apresentando uma tendência crescente (conforme figura 8).

**Figura 8-** Evolução dos empregos em Foz do Iguaçu: 1985 a 2013

Fonte: Elaboração própria a partir IPARDES - BASE DE DADOS DO ESTADO.

### 3. MIGRAÇÃO LIBANESA

Os primeiros libaneses vieram para o Brasil durante o período imperial, em 1860 quando Dom Pedro II visitou o Líbano. A partir de sua visita o imperador permitiu que os libaneses imigrassem para o país. Até 1930 cerca de 100.000 imigrantes de procedência árabe entraram no Brasil, os grupos predominantes eram oriundos da Síria, Líbano e Palestina (DEZAN, 2012).

Quando a Primeira Guerra Mundial iniciou a imigração de libaneses (e sírios) cessou, mas com o fim da guerra e o agravamento da situação econômica e social do Líbano novos fluxos de imigrações seriam estabelecidos. No período da Segunda Guerra Mundial a saída destes imigrantes do Líbano também foi cessada, para retornar após o fim do conflito.

Muitos libaneses desejavam imigrar para os Estados Unidos, mas como existiam barreiras para a entrada de imigrantes estrangeiros naquele país a saída encontrada foi imigrar para a América do Sul.

Como a entrada no Brasil era mais fácil do que na América do Norte e outros países da América Latina, muitos imigrantes libaneses acabaram optando pelo país, devido à facilidade em conseguir o visto, conforme entrevista concedida a Gattaz, por um libanês (do Vale do Bekaa) que migrou para o Brasil em 1952:

Eu vim para o Brasil porque naquela época não davam visto pra qualquer país que a gente quisesse. Eu experimentei viajar pra Venezuela porque tinha fama que tinha bastante serviço, mas eu não consegui visto pra viajar pra Venezuela, não tinha gente lá pra fazer a carta chamada. Os Estados Unidos era pior, e o Canadá também. Mas falaram pra mim do Brasil, que não era tão difícil. (HUSSEIN<sup>11</sup> *apud* GATTAZ, 2012, p. 87).

Alguns libaneses acabavam imigrando para o Brasil e outros países da América Latina, por desconhecimento geográfico, sendo convencidos pelas agências de viagens de que aqui também seria a América, ou sendo enganados por essas empresas. Outros imigraram para os Estados Unidos e como não conseguiram o visto de entrada (devido a barreiras sanitárias e as restrições da entrada de estrangeiros por cotas) acabaram imigrando para o Brasil.

---

<sup>11</sup> Entrevistado por Gattaz.

Como esses imigrantes não dispunham de recursos suficientes para aquisição de propriedades a serem cultivadas e o trabalho no campo não lhes garantia o retorno esperado<sup>12</sup>, a mascateação foi à solução encontrada para o “rápido” acúmulo de dinheiro.

Atribuímos sua inserção comercial como mascate ao fato que ao contrário da maior parte dos imigrantes que chegava ao Brasil com suas famílias, esses imigrantes chegavam solteiros e tinham disponibilidade para percorrer o país vendendo diversos produtos.

No início do século XX a imigração árabe se concentrou nos grandes centros, onde esses imigrantes estavam inseridos predominantemente em atividades comerciais. Antes de 1930 as imigrações para o Brasil estavam relacionadas ao trabalho no campo.

A partir de 1930 a chegada desses imigrantes esteve relacionada com um processo de urbanização e industrialização ocorrido no país, que lhes proporcionou novas oportunidades econômicas, seja como trabalhadores ou empregadores.

Era comum que os imigrantes mais antigos que estavam inseridos no setor comercial empregassem seus parentes e amigos. No início do século XX os sírio-libaneses<sup>13</sup> estavam concentrados na Amazônia (devido ao ciclo da borracha), nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Com o declínio do ciclo da borracha São Paulo passou a oferecer melhores oportunidades comerciais, devido ao crescimento econômico do estado alicerçado na atividade cafeeira e melhorias em sua infraestrutura, como exemplo a construção de estradas de ferro. Em Minas Gerais estes imigrantes estiveram inseridos em atividades comerciais, ligadas a lojas de varejo.

As duas primeiras décadas do século XX trouxeram enriquecimento para muitos imigrantes libaneses, que ascenderam economicamente, inicialmente seriam mascates, para atingirem somas que investiram na formação de comércios varejistas e posteriormente atacadista, alguns chegaram à classe de industriais.

De 1900 a 1920, milhares de comerciantes sírios e libaneses do interior do Brasil prosperaram. Houve períodos de depressão durante os quais muitos faliram, mas muitos obtiveram êxito econômico. Começando como mascates, passaram para o comércio de varejo, depois para o comércio de

---

<sup>12</sup> Uma característica peculiar destes imigrantes seria seu desejo de enriquecimento (o mais rápido possível) para voltarem aos seus países.

<sup>13</sup> Até a Primeira Guerra Mundial, a Síria e o Líbano formavam um único país.

atacado e finalmente para a indústria. À medida que aumentavam seu capital, muitos se mudaram para a cidade de São Paulo, para viver entre os compatriotas já estabelecidos e assim participar da vida cultural e social da colônia. Outros vinham para educar os filhos e outros vinham forçados pelas esposas, que queriam ver seus filhos casados com jovens do mesmo grupo étnico. O censo de 1920 enumerou 50.246 sírios e libaneses no Brasil, 38,4% do total nacional no estado de São Paulo, cerca de vinte mil, dos demais estavam nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. O censo de 1940 enumerou 48.614 sírios, libaneses e outros grupos afins com um decréscimo, portanto, de aproximadamente 1647 pessoas [...] (DEZAN, 2012, p. 90).

Os libaneses se preocuparam com sua formação profissional e de seus filhos, sendo que além das atividades comerciais, estiveram ligados a profissões liberais como médicos e advogados.

As redes sociais foram de fundamental importância para a formação de uma colônia libanesa no Brasil, já que possibilitaram a inserção econômica e social desses imigrantes e contribuíram para uma continuidade destes fluxos migratórios *“Outros determinantes essenciais do processo foram o apoio da base familiar e da rede de conterrâneos, embora os próprios imigrantes não reconheçam este como mais um dos motivos provocadores da emigração [...]”* (GATTAZ, 2012, p. 42).

Segundo Machado e Silva (2008) os primeiros imigrantes libaneses a chegarem ao país foram jovens e solteiros, a autora nos reforça que a vinda dos primeiros conterrâneos foi um fator determinante para que os demais escolhessem o Brasil como destino.

Essa é uma das explicações dos entrevistados que emigraram no final da década de 1960 e durante a década de 70, e que relatam a vinda para o Brasil como conduzida pelo ímpeto da juventude (vim por aventura, ficar pouco tempo e voltar). Também faz parte da racionalização desses imigrantes o relato de que vieram sozinhos, mas a escolha do destino, invariavelmente, foi sempre determinada pela presença de parentes no Brasil. (MACHADO E SILVA, 2008, p. 360).

A partir das próximas seções iremos analisar os fatores que contribuíram para a imigração de libaneses para Foz do Iguaçu, para isso caracterizaremos os fatores de “expulsão” através da descrição do campo emigratório e os fatores de “atração” analisando a dinâmica econômica da cidade (e aspectos sociais) na época em que os primeiros imigrantes libaneses chegaram à região até o início do século XXI.

### 3.1 CAMPO EMIGRATÓRIO

No início do século XIX as famílias (sírio-libanesas) de distintas religiões conviviam de forma tolerante, mas por volta de 1840 às divergências entre as elites, e entre camponeses e nobres foram se agravando. No fim do século XIX muitos camponeses se rebelaram contra os nobres, expulsando-os de suas terras, dando início a um conflito comunal, que ficou conhecido como “Guerra Civil de 1860”.

Esse conflito foi um dos primeiros que geraram o grande fluxo de saída de libaneses do país, Gattaz (2012) define quatro fases da emigração libanesa, a primeira fase está relacionada com o domínio Otomano (1880-1920), os emigrantes eram em sua maioria cristãos descontentes com esse governo.

Estas imigrações também foram resultantes da baixa produtividade alcançada pelas famílias, que não produziam o suficiente para o sustento de todos os integrantes, a solução encontrada foi à migração.

[...] Então a dificuldade era muito grande, e o meu pai aos treze anos, por informações de outros patrícios, resolveu imigrar para o Brasil em busca de melhores condições econômicas. E foi assim que o papai com treze anos de idade aportou no Brasil – em 1906. (CASSIM<sup>14</sup> *apud* GATTAZ, 2012, p. 26).

Em 1903 os cristãos eram alistados para a guerra dos Bálcãs, e para evitarem a atividade militar muitos preferiram emigrar para outros países. Até o fim da Primeira Guerra Mundial o Líbano e a Síria pertenciam a Grande Síria, que estava sob o domínio do Império Otomano. Naquela época o Líbano era pouco urbanizado e não apresentava oportunidades de crescimento econômico a maior parte da população.

Com a 1ª Guerra Mundial a região do Império Otomano, esteve no centro dos conflitos, se tornando interesse das potências envolvidas. O Império Otomano se alinhou ao eixo da Alemanha e Áustria, de forma que muitas batalhas foram realizadas em seu território.

Até o início da Primeira Guerra Mundial os libaneses podiam nomear seus próprios representantes, mas com a guerra o governo turco passou a intervir na região nomeando seus governantes. Com o fim do conflito grande parte território otomano foi

---

<sup>14</sup> Entrevistado por Gattaz

perdido, foi criada a República da Turquia e em 1920 foi constituído o Estado do Líbano que estaria sob o domínio francês:

No Líbano, a partir do início da guerra, os administradores turcos nomearam governadores diretos para conseguir maior controle sobre a província, terminando com a situação privilegiada da região e reprimindo o nacionalismo libanês com a execução de políticos, jornalistas e escritores. Em 1918, o armistício pôs fim ao domínio turco sobre o país, e em setembro de 1920, os franceses proclamaram oficialmente a constituição do Estado do Líbano, tendo Beirute como capital e sendo-lhe anexadas as planícies do interior e as principais cidades do litoral (Trípoli, Saida e Tiro). O Estado permaneceria sob o mandato francês, isto é, apesar de contar com instituições nacionais como presidência da república e parlamento, o poder de fato concentrava-se nas mãos do *haut commissaire* francês. (Gattaz, 2012, p. 30-31).

O domínio francês foi um dos fatores responsáveis pelas emigrações de libaneses na segunda fase de emigrações (1920-1940). A partir de 1920 uma parte da Síria é anexada ao Líbano<sup>15</sup>, à população incorporada era composta em sua maioria por muçulmanos, reconfigurando as estruturas sociais existentes, e configurando os conflitos de ordem religiosa que surgiram.

A constituição pelos franceses da República do Líbano em 1920, ao passo que deu forma às aspirações nacionais árabe-cristãs, estabeleceu as bases do conflito inter-religioso que desde então ocorre no país. Isto se deu devido à anexação de áreas majoritariamente muçulmanas de parte da Síria, desfigurando as características da antiga província autônoma cristã – o pequeno Líbano, em oposição ao grande Líbano de 1920 [...] O desequilíbrio no balanço demográfico resultou em desacordo entre o ethos tradicional cristão maronita e a composição heterogênea da população do novo Estado. Nas décadas seguintes os muçulmanos tornar-se-iam majoritários, abalando as instituições fundamentadas sobre a posição dominante dos cristãos. (GATTAZ, 2012, p. 31).

A França incentivou religiões cristãs em detrimento das religiões muçulmanas contribuindo para o agravamento de conflitos religiosos, uma vez que a população muçulmana era majoritária no país, mas o domínio político se concentrou nas mãos de uma minoria cristã, o que se somava as poucas oportunidades econômicas.

Na “terceira fase” de emigração (1940-1975) emigraram cristãos e muçulmanos (de áreas rurais e urbanas), descontentes com o desempenho econômico de seu país e com as dificuldades de ordem religiosa enfrentadas.

---

<sup>15</sup> Ver Anexo A, fronteiras do Líbano de 1861 a 1915 e fronteiras atuais.



Uma tentativa das elites políticas em apaziguar as disputa entre cristãos e mulçumanos levou ao Pacto Nacional, que permitiu sua independência política em relação França:

Durante as duas décadas seguintes, a política libanesa foi dominada pelo conflito entre as comunidades católicas, apoiadas pela França, e as comunidades sunitas e greco-ortodoxas, que rejeitavam a legitimidade do Estado libanês e a supremacia política maronita, lutando pela incorporação do Líbano ou parte dele a um Estado árabe maior. Em ambos os grupos, porém, havia setores defendendo a acomodação – setores estes que vieram a ter papel decisivo para a independência do país, em 1943. (GATTAZ, 2012 p. 33).

Nesta época o Líbano era um país essencialmente agrário e as únicas oportunidades econômicas se concentravam em sua capital, deixando as demais regiões imersas na pobreza.

A independência do Líbano em 1943, foi resultado da aliança entre as elites políticas mulçumana-sunita e a cristã-maronita, em meio ao declínio da influencia francesa.

Diante do Pacto Nacional o presidente passou a ser maronita e foi eleita uma nova câmara de deputados em que o numero de deputados maronitas seria maior do que os sunitas. Este sistema político ficou conhecido como “confessionalismo”. No entanto o modelo político adotado pela elite não foi assimilado pela população, o que levou ao seu fracasso.

Entre 1950 a 1960 o país passou por um forte crescimento econômico sendo considerado centro comercial e financeiro do oriente médio, no entanto nem todos os cidadãos estiveram imersos nesse crescimento, pois ocorreu o aumento da desigualdade econômica, aliado ao descontentamento com o modelo político adotado (que privilegiava os cristãos).

A rivalidade entre aqueles interessados no nacionalismo árabe e aqueles alinhados as nações ocidentais, somados aos motivos apresentados acima, resultaram em uma guerra civil em 1958. Essa guerra foi rapidamente desmantelada devido à influência norte americana<sup>16</sup>, levando a uma aparente estabilidade de 1958 a 1964.

Os agravamentos dos conflitos entre Israel e Palestina levaram a concentração de palestinos no Líbano (nas décadas de 60 e 70). Esses por sua vez se aliaram com as esquerdas libanesas, agravando o quadro político do país.

A “quarta fase” de emigração (1975-2000) esteve relacionada com a Guerra do Líbano<sup>17</sup>, que causou medo e fuga, aliados ao declínio econômico, perseguições políticas e

---

<sup>16</sup> O governo de 1958 a 1964 seria implantado através da interferência americana atrelada as elites pró-ocidentais seria considerado pelos mulçumanos como golpe de estado. (o que contribuiria para a Guerra ocorrida em 1975).

<sup>17</sup> Dados sobre a Guerra (Gattaz 2012, p. 57).

religiosas. O poder político permaneceu concentrado nas elites cristãs, mas os mulçumanos ocupavam dois terços da população, o que se somou a existência da Guerra fria e ao aumento de palestinos em seu território.

A emigração atingiu tamanha proporção que levou ao despovoamento de pequenas cidades libanesas. Através do quadro elaborado por Gattaz (2012) podemos melhor observar quais os agravantes econômicos e sociais que levaram aos movimentos populacionais no Líbano no período que vai de 1880 a 2000 – Figura 9:

---

Mortos 144.240 (maioria civis) / feridos 197.506 / desaparecidos 17.415/ Saíram do país 950.000 /Deslocamentos internos 800.000 – sendo que os que os que emigraram (para fora do país / internamente) correspondem a aproximadamente 2/3 da população em 1975.

Nota: Em 1975 a população era de 3.000.000 de habitantes.

**Figura 9-** Quatro Fases da emigração libanesa: 1880 a 2000**Fase 1: domínio otomano (1880-1920)**

Caracterizada pela emigração de cristãos descontentes com o domínio otomano e com a falta de perspectivas econômicas devido à relação entre alta densidade demográfica, baixa urbanização, industrialização quase nula e agricultura deficiente; movimento reforçado pela ambição de riqueza fácil a ser alcançada na América – o que de fato foi obtido por grande parte desses pioneiros.

Principais grupos imigrantes: população rural (cristãos) do Monte Líbano, de Zahle, do Vale do Bekaa e do Sul do Líbano.

Motivações principais: necessidades econômicas das populações rurais; oposição ao domínio otomano; desejo de enriquecimento (“efeito corrente” causado pelo enriquecimento dos pioneiros).

Motivações secundárias: acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges (crianças e mulheres).

**Fase 2: entre-guerras (1920-1940)**

Marcada pela emigração de cristãos e muçulmanos buscando melhores perspectivas econômicas e descontentes com a nova configuração do Estado libanês após o término da Primeira Guerra; ainda desempenha papel importante o desejo de enriquecimento rápido, porém isto já não é assegurado àqueles que vêm trabalhar como mascates no Brasil.

Principais grupos imigrantes: população rural (cristãos e muçulmanos) do Monte Líbano, do Vale do Bekaa e do Sul do Líbano; cristãos de Zahle, Beirute, Trípoli e cidades do Sul.

Motivações principais: falta de perspectivas para os setores urbanos da população; necessidades econômicas da população rural.

Motivações secundárias: ambição pessoal / desejo de enriquecimento; acompanhamento de pais, irmãos ou cônjuges (crianças e mulheres); oposição ao domínio francês

**Fase 3: Líbano independente (194-1975)**

Caracterizada pela saída de cristãos e muçulmanos, sobretudo de origem urbana, que se deparam com a falta de oportunidade profissional; acentuada pela depressão econômica posterior à Segunda Guerra e pelos conflitos de origem religiosa e política que ameaçam a integridade do país a partir de 1958.

Principais grupos imigrantes: muçulmanos e cristãos de Zahle, Beirute, Trípoli e cidades do Sul; população rural do Monte Líbano, do Vale do Bekaa e do Sul do Líbano; nesta época há um aumento significativo na proporção dos muçulmanos emigrantes, tanto de origem urbana como rural.

Motivações principais: falta de perspectivas econômicas para a população urbana; conflitos sectários.

Motivações secundárias: acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges (crianças e mulheres).

**Fase 4: Guerra do Líbano (1975-2000)**

Motivada pelo conflito militar que estalou a partir do início da década de 1970 e suas decorrências: insegurança e medo generalizados; queda da atividade econômica com conseqüente desemprego; perseguições políticas e sectárias; busca de nacionalidade brasileira.

Principais grupos imigrantes: muçulmanos sunitas e xiitas do Vale do Bekaa e do sul do Líbano; cristãos do Monte Líbano, Beirute, e cidades do norte do país.

Motivações principais: falta de perspectivas econômicas devido à duração e intensidade da guerra; fuga temporária da guerra propriamente devido a atentados, bombardeios etc.

Motivações secundárias: busca de nacionalidade estrangeira; acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges (crianças e mulheres).

Fonte: Gattaz, 2012, pg. 77-78.

### 3.2 IMIGRAÇÃO LIBANESA PARA FOZ DO IGUAÇU: FATORES DE ATRAÇÃO E INSERÇÃO ECONÔMICA

A chegada dos primeiros imigrantes libaneses ao Brasil e sua ascensão econômica ocorrida na primeira fase de emigração (abordada por Gattaz), trabalhou no imaginário de seus conterrâneos, que partiram em busca de trilhar o mesmo caminho percorrido pelos precursores.

Os imigrantes que chegaram a partir da segunda fase de emigração libanesa já não tinham o mesmo desempenho econômico obtido pelos seus conterrâneos (anos antes), de forma que tiveram que empreender novas migrações para outras unidades da federação em busca oportunidades de inserção econômica. Segundo Arruda (2007) Os primeiros imigrantes de origem libanesa chegaram à cidade entre as décadas de 40 e 50 do século XX.

Na maioria dos casos essas populações teriam reemigrado, passando pelo estado de São Paulo, exercendo a atividade de mascate no sul do país e outras cidades do Paraná, e finalmente estando no estado chegariam a Foz do Iguaçu.

[...] parece haver um mesmo eixo de chegada e de acomodação: a chegada no Porto de Santos, em São Paulo, a permanência provisória na capital (São Paulo) e as atividades de mascates pelo sul do país – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, norte do Paraná, para, finalmente, se estabelecerem em Foz do Iguaçu. (MACHADO E SILVA, 2008, p. 360).

A inserção econômica dos primeiros árabes que vieram para a América Latina ocorreu de forma parecida, eles estiveram inseridos em atividades comerciais se deslocando para áreas de fronteira em busca de oportunidades de comércio.

Muitas cidades de fronteira têm-se tornado importantes mercados e nelas é possível encontrar recorrentemente grupos dedicados ao comércio. Alguns dos árabes que chegaram à América Latina encontraram as oportunidades abertas no comércio instalaram-se em diversas cidades fronteiriças, como o Chuí e Foz do Iguaçu no Brasil; Encarnación e Ciudad del Este no Paraguai, ou Maicao na fronteira entre Colômbia e Venezuela. (RABOSSI, 2007, p. 296).

Na cidade de Foz do Iguaçu estes imigrantes assumiram certas particularidades, estando presentes em comércios destinados a atender o mercado interno, á frente de empresas que exportavam para o Paraguai e também apareceram nos setores que vendiam produtos importados em Ciudad Del Este (RABOSSI, 2007).

Segundo Arruda (2007) os primeiros libaneses instalados na cidade estiveram ligados ao setor têxtil sendo que possuíam comércios de roupas e de artigos ligados à confecção. Na segunda metade do século XX chegaram imigrantes do Vale do Bekaa e Sul do Líbano (regiões onde a maior parte da população é de origem mulçumana), a autora descreve que inicialmente esses imigrantes se estabeleceram em Foz do Iguaçu para mais tarde estabelecerem lojas no Paraguai.

Em meados do século XX esses imigrantes teriam percorrido o interior de São Paulo e do Paraná chegando ao extremo oeste do estado para vender produtos aos

militares presentes em Foz do Iguaçu, com o desenrolar das negociações que possibilitaram a construção da ponte entre Brasil e Paraguai, muitos destes mascates se estabeleceram na cidade com interesse de vender produtos brasileiros do outro lado da fronteira.

Uma parte dos comerciantes libaneses se manteve na cidade com o objetivo de atender a demanda da população da fronteira e dos turistas que chegavam, sua inserção econômica ocorreu predominantemente no setor comercial e de serviços (em muitos casos estes comércios permanecem ativos até os dias de hoje).

**Figura 10** - Loja localizada no Centro: Kamalito



Fonte: A autora, 2015.

Nota: Fundada em 1978 por um Libanês colaborador desta pesquisa.

A emigração libanesa que ocorreu nesta época se enquadra na segunda e terceira fase de emigrações descrita por Gattaz (2012), esteve relacionada às desigualdades econômicas existentes no Líbano, uma vez que regiões essencialmente ocupadas por cristãos passaram por um maior crescimento econômico ao passo que regiões de populações muçumanas estiveram à margem desse desenvolvimento.

Regiões agrárias e de baixa produtividade como o Vale do Bekaa e região Sul do Líbano foram as maiores responsáveis pela emigração de libaneses de origem muçumana, que vieram para o Brasil (inicialmente desembarcaram na cidade de Santos, estado de São Paulo) e mais tarde seguiram para outros estados brasileiros (Gattaz, 2012).

O depoimento de um dos nossos interlocutores demonstra a situação do Vale do Bekaa no momento em que seu pai deixou o país, em 1952 para imigrar para Assaí no Paraná<sup>18</sup>. Como nosso entrevistado só pode imigrar 10 anos depois (para se juntar a sua família), nos relatou o motivo que teria feito seu pai imigrar<sup>19</sup> “*KAMAL, (64 anos): Imigrou em busca de novas oportunidades, pois após a 2ª Guerra Mundial, o Líbano era ocupado pelos franceses e os libaneses mulçumanos não tinham muita opção. Sair, imigrar ou morrer de fome*”.

Entre os libaneses que vieram para o Brasil também teríamos aqueles que não encontravam oportunidade de inversão em seu país (pois dispunham de um pequeno capital), conforme nos apontou um de nossos interlocutores que teve uma trajetória migratória bem “característica” dos libaneses (passando por grandes centros urbanos e posteriormente migrando para o interior). Ele saiu do Líbano em 1957 (Vale do Bekaa), imigrando para o Rio de Janeiro, depois para São Paulo e mais tarde para o interior do Paraná, na cidade de Telêmaco Borba (em 1959) e por último imigrou para Foz do Iguaçu (em 1997), cidade onde vive até hoje.

Sua inserção econômica no Brasil foi como mascate e posteriormente como comerciante, em Foz do Iguaçu se inseriu nesse segmento, instalando uma loja de confecções na região da Vila Portes. Quando questionado sobre o motivo que o teria levado a sair do Líbano, nos respondeu:

OSMAR, (76 anos): Motivo através de, por exemplo, sobrevivência, o Líbano é um país geograficamente ele é pequeno, então a gente procura expandir mais, eu vi este país um dos melhores países do mundo, eu achei, até agora eu acho que é o melhor país do mundo, o Brasil, onde tem mais campo, tem mais espaço pra gente viver, fazer a vida. Esse é o motivo que me trouxe.

A construção da Usina de Itaipu gerou muitas oportunidades de inversão na cidade, conforme relato dos nossos entrevistados (nosso primeiro colaborador chegou à cidade em 1978) “*KAMAL: Foz proporcionava uma nova oportunidade de crescimento, era o auge da Itaipu Binacional*”. O segundo colaborador se instalou na cidade em 1997 “*OSMAR: Esta cidade é uma das melhores cidades de tipo de comércio, porque tem um movimento fantástico, em favor de Itaipu, tem a maior empresa do mundo bem aqui em Foz do Iguaçu*”.

---

<sup>18</sup> A escolha da cidade estaria relacionada à presença de outros conterrâneos que moravam em Assaí, conforme depoimento, “*KAMAL: Por que existiam amigos de meu pai, ele recebia cartas dizendo que estava bom no Brasil para os negócios*”.

<sup>19</sup> Embora o Líbano tenha conquistado sua independência em 1943, a situação econômica das regiões rurais (como o Vale do Bekaa e o Sul do Líbano), não havia sido alterada desde o declínio francês.

[...]”.

Os libaneses que instalaram seus comércios em Foz do Iguaçu na segunda metade do século XX o fizeram atraídos pelo mercado consumidor da região (formando pelos moradores das três cidades, pelos turistas e pelos compristas).

Para Rabossi<sup>20</sup> (2007) a escolha de Foz do Iguaçu esteve relacionada à localização fronteiriça da cidade, que nas últimas décadas do século XX passou por transformações econômicas que permitiram a imigração de árabes e de populações de outros países.

Alguns fatores são apontados pelo autor como de fundamental importância para a alteração da dinâmica comercial da região: a criação da cidade de Puerto Presidente Stroessner (1957) e a criação da Ponte Internacional da Amizade (1965).

Na década de 50 o presidente paraguaio, Alfredo Stroessner, firmou uma série de acordos<sup>21</sup> em que o Brasil passou a fornecer bens de consumo ao país, concedendo a facilidade de o Paraguai escoar sua produção (e adquirir suas importações) via porto de Paranaguá.

Muitos comerciantes (libaneses) se estabeleceram no lado paraguaio abrindo lojas importadoras, o Paraguai facilitou a instalação dessas lojas de propriedade de imigrantes estrangeiros, pois almejava adquirir produtos importados (como aparelhos eletrônicos e computadores a exemplo) e revendê-los ao Brasil e em seus departamentos do interior.

Claro que, para poder estabelecer-se do lado paraguaio, tinham que ter as possibilidades legais e comerciais para fazê-lo. Ambas as questões foram possíveis pelo incentivo do regime de Stroessner ao comércio baseado na importação de produtos estrangeiros para a venda na faixa de fronteira e pelas "facilidades" dadas aos comerciantes para poderem se estabelecer[...], possibilitaram o estabelecimento de migrantes árabes no outro lado da fronteira. (RABOSSI, 2007, p.296).

Essas mercadorias eram adquiridas pelo Paraguai através de uma triangulação comercial, de forma que inicialmente as mercadorias iriam da Ásia para Miami e enfim para o Paraguai, no final do século XX esta rota comercial foi alterada, com a inclusão de importações diretas do sudeste asiático e outras regiões de triangulação surgiram (a exemplo o Panamá).

<sup>20</sup> Em sua tese de Doutorado em antropologia social, o autor estudou o comércio de Ciudad Del Este.

<sup>21</sup> Arruda, (2007 p.17 – 18), “Convênio de Comércio Fronteiriço” 1956, “Tratado Geral de Comércio e Investimento” 1956, ‘Convênio de Turismo e Trânsito’ 1958, estes acordos facilitariam / regulariam a troca de mercadoria entre os países, a circulação de pessoas e a condução da infraestrutura necessária.

Como as condições para o aumento das trocas comerciais entre Brasil e Paraguai foram surgindo nas últimas décadas do século XX, muitos comerciantes (libaneses) se embrenharam em Ciudad Del Este para vender os produtos brasileiros.

A importância dos investimentos árabes (e asiáticos) para a economia da cidade aparece nos meios oficiais, como jornais de circulação regional e até mesmo em um relatório da Secretaria Municipal do Turismo (SMT) – publicado na página oficial do município<sup>22</sup>:

Com a abertura da Zona de Livre Comércio em Ciudad del Este, iniciou-se este novo ciclo econômico, que absorveria grande parte da mão-de-obra gerada pela hidrelétrica. Com investimentos asiáticos e árabes, em pouco tempo a cidade paraguaia se transformou no 3º centro comercial mundial. Apesar do crescimento comercial, o Paraguai na época, carecia de bens de consumo básicos, tanto duráveis como não duráveis, em quantidade e qualidade suficientes para atender a demanda. Essa carência foi suprida pelos exportadores brasileiros instalados em Foz do Iguaçu, que se beneficiaram deste mercado com a venda de bens como alimentos, vestuário, eletrodomésticos, maquinários agrícolas, insumos, entre outros, além do aumento na oferta de empregos e na renda local. Foz do Iguaçu tornou-se um verdadeiro centro de entrepostagem das mercadorias destinadas ao mercado do país vizinho. (SMT, 2014, p. 24).

Os comércios exportadores abertos em Foz do Iguaçu estiveram localizados em bairros próximos a Ponte Internacional da Amizade, no Jardim Jupira e na Vila Portes. Durante o auge das exportações em Foz do Iguaçu (décadas de 80 e 90), os bairros acima mencionados eram responsáveis por boa parte da geração de empregos e renda do município.

Se o desenvolvimento de Jardim Jupira e Vila Portes - os bairros próximos à Ponte da Amizade - é a mostra espacial do crescimento de Foz do Iguaçu como centro comercial exportador de produtos brasileiros para o Paraguai, a importante presença árabe nesses bairros é a manifestação do papel que eles tiveram nesse crescimento. Atraídos pelo movimento comercial ou seguindo referências e nomes de parentes ou conhecidos, novos imigrantes continuaram a chegar. (RABOSSI, 2007, p. 292).

Os libaneses estiveram à frente dos comércios exportadores, sendo os primeiros comerciantes a adentrarem no Paraguai para revender os produtos brasileiros, na época em que ingressaram no mercado do país vizinho a Argentina dominava o mercado da região, os próprios libaneses se reconhecem como os primeiros a comercializar com o Paraguai.

Abdul Rahal, chegou ao Brasil em 1959, [...] Em 1961, localizado em Foz do Iguaçu, começou a levar produtos ao Paraguai. Abdul considera-se um dos

---

<sup>22</sup> <http://www.pmfi.pr.gov.br/>



primeiros a abrir o mercado paraguaio para os produtos brasileiros, até então dominado pelos produtos argentinos. (RABOSSI, 2007, p. 294).

De 1980 a 1995 as empresas exportadoras presentes na cidade aumentaram mais de 1500 %, enquanto que os empregos diretamente ligados a esse setor aumentaram mais de 1590 %, o que demonstra o papel que essas empresas tiveram na economia iguaçuense, durante o período observado. Geraram milhares de emprego diretamente (e outros, indiretamente).

**Tabela 7** - Evolução do Número de empresas exportadoras e seus empregados em Foz do Iguaçu: 1980 a 1995

Ano	Nº de Exportadoras	Nº de Empregados
1980	22	440
1985	59	1200
1990	193	3800
1995	349	7000

Fonte: BARAKAT, 1999 apud RABOSSI, 2004.

Do início da década de 80 até metade da década de 90 este comércio foi se sobrepondo as outras atividades econômicas existentes, como atividades ligadas ao turismo (Visitas a Itaipu, Cataratas e Parque Nacional do Iguaçu) de forma que as exportações e o turismo de compras tornaram-se as atividades econômicas predominantes na cidade.

Ao longo dos anos 80 e 90 se fortaleceu na cidade o tipo de atividade informal, relacionada à compra de produtos paraguaios para posterior revenda no Brasil, como a fiscalização aduaneira impunha cotas<sup>23</sup> para compras no Paraguai, muitos trabalhadores desempregados foram reintroduzidos ao mercado em atividades informais, sendo popularmente conhecidos como “laranjas”<sup>24</sup>.

Este comércio entre Ciudad Del Este e Foz do Iguaçu, não foi devidamente mapeado, devido ao volume comercial existente, mas esse volume foi suficiente para tornar a cidade paraguaia no terceiro centro comercial do mundo.

Com a criação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) em 1991 e sua entrada em vigência em 1995 as empresas exportadoras localizadas em Foz do Iguaçu foram

<sup>23</sup> Compras de Até US\$ 150,00 eram isentas dos impostos de importação.

<sup>24</sup> Trabalhadores brasileiros responsáveis pela travessia das compras para burlar a fiscalização.

reduzidas<sup>25</sup>, como reflexo de uma nova conjuntura econômica (abertura comercial e estabilização econômica).

Nessa nova conjuntura as importadoras paraguaias poderiam comprar diretamente das indústrias brasileiras, localizadas nos grandes centros comerciais, eliminando a intermediação das exportadoras.

Por outro lado, os acontecimentos já citados fazem com que o setor exportador localizado na região da Ponte da Amizade e adjacências se reduza sensivelmente, principalmente em função da abertura da economia brasileira e da criação do Mercosul, fazendo com que as vendas efetuadas por esse setor fossem todas realizadas diretamente pelas indústrias no Brasil. (ACIFI, 2005, p. 20).

No período em que o comércio com o Paraguai ganhou volume, os conflitos<sup>26</sup> no Líbano foram se intensificando de forma que a partir daquele momento, com uma colônia já estabelecida na região, muitos libaneses passaram a imigrar diretamente para Foz do Iguaçu:

No final dos anos 50 e considerando as possibilidades que a ponte abria, alguns comerciantes que haviam levado a produção industrial brasileira ao oeste do Paraná se localizaram em Foz do Iguaçu com a intenção de aproveitar um mercado virgem de produtos brasileiros: o Paraguai. Em sua maioria eram imigrantes libaneses. Alguns eram recém chegados, outros já haviam andado pelo interior do Paraná e de São Paulo [...] Junto às facilidades para estabelecer-se e a presença de conhecidos, esse duplo atrativo comercial foi o que transformou essa fronteira em um pólo de atração de imigrantes do Líbano e de outros países do Oriente Médio depois que os conflitos naquela área se intensificaram. (RABOSSI, 2004, p. 46).

A partir das últimas décadas do século XX com a redução dos conflitos ocorridos no Líbano muitos libaneses que imigraram devido a motivos sectários voltaram para seu país, o que contribuiu para a redução da população árabe na fronteira.

A quantidade de libaneses residentes na cidade sofreu variações ao longo do tempo, não havendo uma precisão sobre esse número, através da revisão bibliográfica identificamos a quantidade de imigrantes residentes na cidade para os anos de 1999 (2.939), 2002 (3.065), 2006 (2.353), 2012 (4.077) e 2015<sup>27</sup>(2.965).

---

<sup>25</sup> Em 1996 seriam menos que a metade das 349 empresas cadastradas em 1995 (BARAKAT, 1999, p. 26 *apud* RABOSSI, 2004, p. 44).

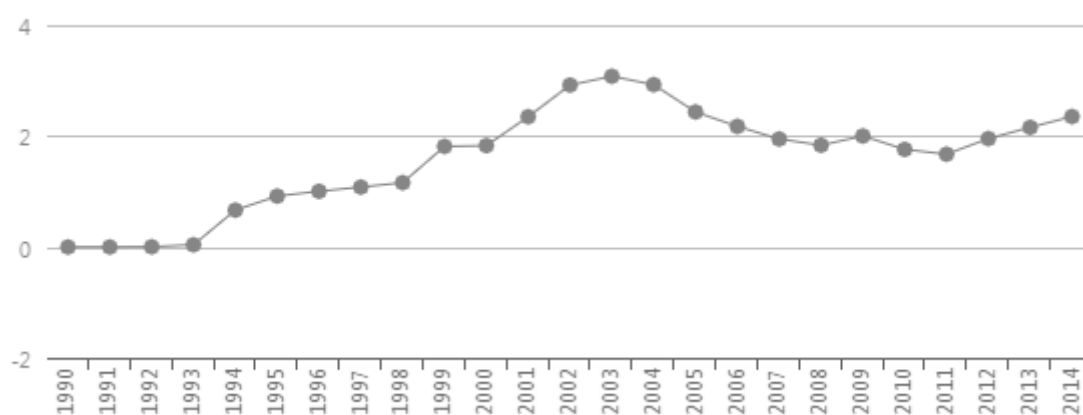
<sup>26</sup> As migrações ocorridas nesta época se enquadram na quarta fase da emigração libanesa: Guerra do Líbano (1975-2000).

<sup>27</sup> Em 2015 utilizamos Informação concedida pela Polícia Federal, segundo Divisão de Estrangeiros de Brasília/DF (DINCRE) e Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros (SINCRE), o departamento não concedeu informações para os anos anteriores. Para os anos 1999 a 2012 utilizamos os dados obtidos pelos autores: WEBBER 2003 p.125; ARRUDA, 2007, p. 9 e OLIVEIRA, 2014, p. 13. Esses autores

A quantidade de imigrantes residentes na cidade somente retrata uma fração dos libaneses, não demonstrando a quantidade que adquiriu a nacionalidade brasileira, nem de seus descendentes (que na maioria das vezes se consideram como libaneses).

No final do século XX e início do século XXI o turismo de compras foi sendo enfraquecido, algo que pode ser relacionado com a desvalorização da moeda nacional, que encarecia os produtos importados do Paraguai, conforme figura 11:

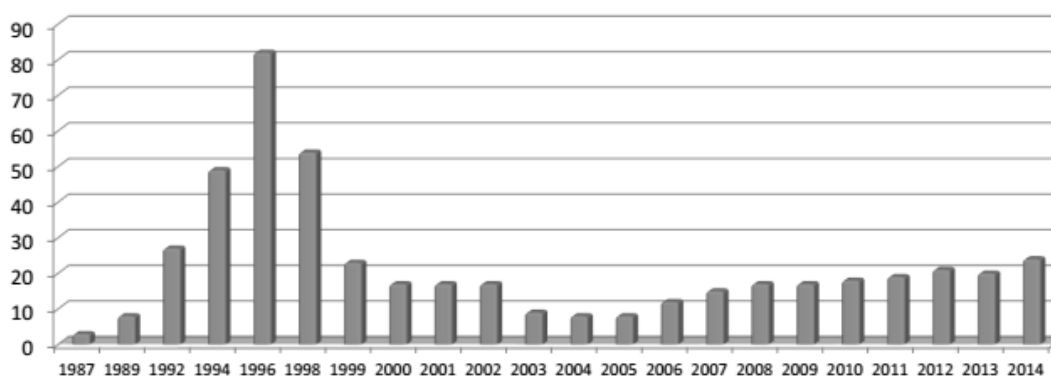
**Figura 11** - Brasil: taxa de câmbio nominal (média anual) 1990 a 2014



Fonte: FMI *apud* CEPAL - Base de Dados CEPALSTAT

A redução da importância do turismo de compras pode ser percebida se observarmos o número de casas de câmbio existentes na cidade no período que vai de 1987 a 2014, em momentos em que a moeda brasileira se desvalorizou esses comércios foram reduzidos, (conforme figura 12).

**Figura 12** - Casas de Câmbio em Foz do Iguaçu: 1987 a 2014



utilizaram o mesmo banco de dados.

Fonte: SMT, 2015

A importância do “turismo de compras” para a economia da região pode ser percebida se considerarmos a chegada de turistas a Foz do Iguaçu e ao Parque Nacional do Iguaçu no período em que seria reduzido o ritmo de compras em Ciudad Del Este. Em 1994 Foz do Iguaçu recebeu 4.200.000 visitantes e em 1999 esse número foi reduzido para 1.800.000, o mesmo ocorreu com o Parque Nacional que em 1994 recebeu 968.944 visitantes e em 1999 recebeu 843.275 visitantes (RABOSSI, 2004).

A redução dos compristas não se explica somente pela variação cambial, também sendo explicada pela fiscalização alfandegária, a repreensão da Receita Federal apareceria nos jornais locais, conforme trecho publicado em 2002, “*Não deu outra. A Receita Federal brasileira começou o arrocho. Primeiro reduziu a cota para US\$ 150 e depois [...] passou ao terrorismo fiscal [...]*” (REVISTA CABEZA, 2002, p. 83 *apud* CATTA, 2012, p. 154).

Em momentos em que a fiscalização era intensificada ocorreu diminuição nas compras no centro comercial paraguaio, o que acarretou na diminuição da renda<sup>28</sup> auferida pelos trabalhadores desse segmento.

Podemos estender este efeito a outras localidades próximas, Alto Paraná localizada no Paraguai e municípios do oeste do Paraná. A redução da renda destas pessoas também repercutiu na renda de outros trabalhadores ligados a setores beneficiados indiretamente pelo turismo de compras, a exemplo supermercados, hotéis, restaurantes, frotas de ônibus, entre outros.

Um dos marcos para a redução do turismo de compras foi a entrada em vigência do Mercosul em 1995<sup>29</sup>, atualmente o turismo de compras se mantém no município mas com reduzida importância. A partir de 2001 com uma maior desvalorização do real e intensificação das apreensões, este comércio perderia seu volume, com a redução dos compradores.

Em 2009 a cidade possuía 325.137 moradores, mas a partir desse ano a população seria reduzida para em 2013 apresentar 263.508 habitantes, esta diminuição

---

<sup>28</sup> Segundo reportagem online da Folha UOL (2002), em 1992 circulavam no Paraguai entre 30 a 40 mil compristas, enquanto que em 2002 esse número seria menor que 3.000.

<sup>29</sup> Ver ACIFI (2005), a entrada em vigência do MERCOSUL faria parte de uma nova política econômica brasileira: maior abertura comercial e globalização do mercado (o comércio em Ciudad Del Este passaria por maior controle federal nos anos seguintes).

populacional pode ser relacionada com redução da dinâmica comercial do município no final do século XX início do século XXI, conforme tabela 8.

**Tabela 8-** População de Foz do Iguaçu: 2000 a 2013

<b>Ano</b>	<b>Habitantes</b>	<b>Ano</b>	<b>Habitantes</b>
2000	258.368	2007	311.366
2001	266.771	2008	319.189
2002	272.939	2009	325.137
2003	279.620	2010	256.081
2004	293.646	2011	255.900
2005	301.409	2012	255.718
2006	309.113	2013	263.508

Fonte: SMT, 2014 (Adaptado pela Autora).

Conforme abordado no segundo capítulo, atualmente a economia da cidade está voltada ao turismo e ao mercado interno, com a mais de 80 % da população estando empregada em estabelecimentos comerciais e direcionados a prestação de serviço.

Quando perguntamos aos nossos interlocutores, sobre “O papel dos libaneses na economia de Foz do Iguaçu”, obtivemos as seguintes respostas: *“KAMAL: Os libaneses representam 5 a 8% da população, a maioria são empreendedores em diversos setores da economia”*.

Conforme aparece na fala de outro interlocutor (em resposta a pergunta anterior), uma característica própria deste segmento comercial, é que os libaneses buscam reinvestir o que ganham, contribuindo para o segmento econômico em que estão inseridos.

OSMAR: A maioria da economia de Foz do Iguaçu, eu acredito os libaneses que construíram , eles trabalham, arregaçam as mangas, aplicam tudo que eles têm e que ganham , aplicam em Foz do Iguaçu, se você analisar, eles têm prazer, orgulho de levantar a cidade onde eles vivem, eles consideram como segunda pátria deles.

Ambos os interlocutores são comerciantes do ramo têxtil, sendo que o primeiro possui uma loja no centro da cidade que foi implanta no ano de 1978 e o segundo possui uma loja na Vila Portes, a qual foi implantada em 1997. Esses empresários representam a atuação da maior parcela destes imigrantes.

### 3.2.1 Presença Libanesa em Foz do Iguaçu: Aspectos Sociais e Culturais

Uma característica comum aos diferentes grupos de libaneses que chegaram ao Brasil, e aqueles que chegaram a Foz do Iguaçu é que no Líbano eram agricultores e que a

inserção laboral como comerciantes (para aqueles que imigraram após 1920) ocorreu pelo auxílio de outros conterrâneos que aqui estavam e que no início de sua imigração viram na atividade comercial possibilidade de ganhos rápidos.

Com o passar do tempo estes imigrantes acabaram se fixando em Foz do Iguaçu, por diversas razões, oportunidades comerciais, agravamento nos conflitos em sua terra natal, acabaram optando por trazer suas famílias (esposas, filhos, outros parentes e seus conterrâneos).

Os libaneses presentes em Foz do Iguaçu fazem parte da colônia árabe, que é constituída com 12.000 a 20.000 integrantes, não havendo informação precisas sobre esse número. Sua imigração atual está entre a segunda e terceira geração de descendentes, sendo composta pelos imigrantes, seus filhos e seus netos (Arruda, 2007).

Sua religião predominante é a mulçumana<sup>30</sup>, sendo que a maior parcela dos que aqui vivem estão divididos entre sunitas e xiitas, para manutenção de sua religião construíram duas mesquitas no Jardim Central. Muitos se instalaram no Jardim Central, outros residiriam nas proximidades da Vila Portes e Centro devido à proximidade com seus comércios.

Um dos primeiros marcos institucionais da presença árabe em Foz do Iguaçu foi a inauguração em 1962 do Clube União Árabe, na década seguinte foi criada a Sociedade Beneficente Islâmica (frequentada pelos xiitas).

Em 1983 os sunitas inauguraram o Centro Cultural Islâmico (Mesquita Omar Ibn Al-Khatab), em anexo a mesquita sunita está a Escola Árabe Brasileira. A mesquita sunita é um atrativo religioso na cidade, frequentemente visitada por turistas<sup>31</sup>, enquanto que a mesquita xiita possui um caráter mais privativo.

---

<sup>30</sup> Embora um dos nossos interlocutores prefira ser classificado como mulçumano, não se enquadrando nestas divisões do islã.

<sup>31</sup> A mesquita recebe vistas de segunda a sexta este número varia entre 100 a 500 visitantes ao dia, informação obtida junto a mesquita (em novembro de 2015).

**Figura 13** - Mesquita Sunita



Fonte: A autora, 2015.

Na década de 90 foi construída a Mesquita Profeta Mohammad em Ciudad Del Este, que também possui acesso restrito ao público. Em 2001 foi criada a Igreja Árabe Brasileira, que visava atender aos muçulmanos não praticantes, que fossem da religião cristã, mas seriam poucos os árabes convertidos.

Em Foz do Iguaçu foram construídas duas escolas destinadas a população árabe, a Escola Libanesa Brasileira e a Escola Árabe Brasileira. A Escola Árabe Brasileira fica anexa à mesquita sunita, enquanto que a escola Libanesa Brasileira fica localizada no Jardim São Paulo.

Os diferenciais destas escolas em relação às brasileiras são o ensino da língua árabe e ensino religioso muçulmano, bem como a participação de estudantes de ascendência árabe. Para os estudantes que muitas vezes acompanham seus pais ao Líbano, em viagens que duram de um a três meses, as escolas árabes se mostram mais flexíveis para compensar os dias letivos perdidos.

Essas viagens sempre foram realizadas para que não se perdessem os laços com familiares e conterrâneos, frequentemente (os que podem) realizam viagens de “reconhecimento” ao Líbano (ARRUDA, 2007).

Andando pelas ruas de Foz do Iguaçu facilmente percebemos a presença muçulmana (e árabe), através dos trajés femininos (hijãb), pelo idioma falado por seus integrantes e por seus comércios.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo acabou se mostrando como um elemento secundário no trabalho, uma vez que a pesquisa bibliográfica acabou preenchendo elementos como o campo emigratório, que elaboramos a partir do autor Gattaz (2012). Outros trabalhos se mostraram de grande importância para a descrição dos movimentos imigratórios de libaneses para Foz do Iguaçu, utilizamos autores como Arruda (2007) e Machado e Silva (2008).

Acabamos nos limitando a obter dados “qualitativos” sobre a migração de libaneses para Foz do Iguaçu uma vez que não encontramos dados “quantitativos” relacionados à atuação econômica dos libaneses na cidade, o que pode ser explicado uma vez que estes imigrantes não tiveram interesse de formar associações específicas (algo que percebemos empiricamente ao longo da pesquisa).

Estes imigrantes estão inseridos<sup>32</sup> nas associações representativas tradicionais da cidade, como exemplo a ACIFI. A entidade não nos forneceu as informações sobre o número de sócios estrangeiros (ou sócios libaneses), por razões administrativas, o que de certa forma nos daria uma dimensão da importância econômica deste segmento.

Por termos encontrado outros trabalhos da área que foram realizados a partir da história oral (a exemplo ARRUDA, 2007) e pela dificuldade em encontramos interlocutores dispostos a colaborar, nos limitamos às entrevistas incluídas no terceiro capítulo (duas incluídas e uma não utilizada).

Dois dos nossos interlocutores concederam a entrevista por indicação de pessoas do meu contato familiar, e na terceira entrevista conseguimos o contato identificando o comércio pela sua “fachada”- que deixava explícita a origem árabe deste comerciante, mas optamos por não utilizar a entrevista (pois enfrentamos dificuldades em realiza-la pela diferença de idioma).

Muitos contatos foram “frustrados”, uma vez que os prováveis interlocutores se recusaram a participar da entrevista. Entre os possíveis interlocutores contatados que se recusaram a participar da pesquisa, apareceram os argumentos de que “eram descendentes de libaneses e não tinham muito conhecimento da história de seus

---

<sup>32</sup> O 7º presidente da ACIFI foi o libanês Foud Mohamad Fakh (1974-1980), algo que pode nos demonstrar a importância deste segmento empresarial.



anteriores”, o que podemos relacionar ao período em que os primeiros imigrantes chegaram, década de 40 e 50, a geração atual nem sempre conhece o passado de seus ascendentes.

Como desejávamos encontrar comerciantes libaneses, e neste segmento a grande maioria se destaca pelo gênero masculino, em um caso tive a impressão que, meu gênero, acabou incomodando uma das pessoas presentes no estabelecimento (que era uma mulher e provavelmente não se sentia a vontade com a participação do seu familiar na entrevista), levando-a a me pedir que fosse mais adiante que eu encontraria “árabes”.

Nos casos de “sucesso”, as entrevistas tiveram que ser realizadas no estabelecimento comercial destes imigrantes, o que acabou limitando seu tempo disponível e influenciando nas suas respostas (que foram curtas).

A respeito dos motivos que levaram os libaneses a imigrarem para o Brasil, a partir de Gattaz (2012), verificamos causas relacionadas a questões sectárias e dificuldades econômicas, de forma que a maior parte desses imigrantes desejava retornar ao Líbano, mas ao longo do século XX o agravamento dos conflitos sectários, as dificuldades econômicas e conflitos geopolíticos envolvendo as principais potências econômicas contribuiriam para sua permanência no país.

A saída encontrada para seu estabelecimento no Brasil foi o trabalho como mascates e conforme foram acumulando recursos foram reinvestindo-os no setor comercial (e industrial), muitos dos que imigraram ao final do século XIX e início do século XX conseguiram alcançar relativo crescimento econômico, contribuindo para a emigração de muitos dos seus amigos e familiares.

No entanto aqueles que imigrariam a partir da segunda década do século XX tiveram que buscar novos espaços para sua inserção econômica, uma vez que as grandes cidades não possuíam áreas inexploradas para sua atuação.

Estes comerciantes, em sua maioria, imigraram para interior do Paraná e posteriormente para a cidade, atraídos pelo mercado consumidor formado pelos militares e população (rural) de Foz do Iguaçu, pelo menos até meados da década de 60.

Com as inversões federais realizadas na região, (reconstrução da Rodovia BR 277, Construção da Ponte Internacional da Amizade e Construção da Usina de Itaipu) a cidade se tornou atrativa para este segmento de imigrantes (os libaneses).

Conforme pesquisa bibliográfica (ARRUDA, 2007; RABOSSI, 2007) e

entrevistas realizadas com os comerciantes libaneses, sua inserção econômica na cidade foi no comércio e setor de serviços. Conforme visto (na tabela 5, empregos segundo atividade econômica: Foz do Iguaçu 1990 a 2010), estes setores são os setores responsáveis pela renda da maior parcela da população.

A contribuição dos libaneses para a economia de Foz do Iguaçu está associada a sua participação no comércio fronteiriço, com penetração dos produtos brasileiros no mercado Paraguai (que ganhou relevância econômica a partir das décadas de 80 e 90), e desde sua chega à cidade se inseriram no comércio proporcionando o crescimento do número de empresas, crescimento dos empregos, e se considerarmos sua participação em Ciudad Del Este, também teremos o aumento no número de turistas-compristas usufruindo de uma ampla gama de serviços.

No momento em que o comércio entre Foz do Iguaçu e Ciudad Del Este se intensificou, o número de desempregados e subempregados estava crescendo na cidade, o que teve relação com a fase final da construção de Itaipu, os comerciantes árabes foram os desbravadores do comércio entre as duas cidades e este comércio possibilitou a inserção econômica de milhares de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho.

Este quadro de desemprego pode ser associado à falta de políticas públicas destinadas a inserção dos trabalhadores que eram excluídos do mercado laboral. Após a construção de Itaipu não ocorreram grandes projetos voltados à economia da cidade<sup>33</sup>.

Apesar da queda no ritmo econômico ocorrido na cidade na segunda metade da década de 90<sup>34</sup> e início dos anos 2000 e do retorno de muitos libaneses com a redução dos conflitos sectários, esses imigrantes se integraram a comunidade iguaçuense e mantêm seu papel a frente do setor de serviços e comercial.

Quando perguntamos aos nossos entrevistados se tinham intensão em deixar a cidade, suas respostas foram imediatas, não tinham intensão “*KAMAL: Não troco Foz do Iguaçu por nenhum outro lugar*”.

A multiplicidade étnica existente na cidade, sua reafirmação identitária e sua inserção econômica (como comerciantes) foram fatores que contribuíram para a chegada de seus compatriotas e manutenção desta população na comunidade. As redes sociais cumpriram um importante papel na inserção econômica e social destes imigrantes e para estabelecimento de uma colônia árabe em Foz do Iguaçu.

---

<sup>33</sup>Ao final do século XX, mesmo porque a economia da cidade recebeu basicamente inversões federais, uma vez que no mesmo período, as políticas estaduais estavam voltadas a regiões de maior importância, para sua arrecadação, como a exemplo a RMC (Ver segundo capítulo).

<sup>34</sup> Devido à abertura comercial e a valorização da moeda nacional.

A contribuição destes imigrantes para o desenvolvimento de Foz do Iguaçu pode ser explicada através de sua participação na economia da cidade no comércio e serviços, sua influência social, política e cultural.

Assim como a chegada de estrangeiros para colonizar o estado do Paraná foi essencial para o seu desenvolvimento social e econômico (algo que procuramos demonstrar no segundo capítulo), a chegada dos imigrantes estrangeiros libaneses (entre outros) foi de fundamental importância para a economia do município, uma vez que as relações comerciais entre os países foram feitas através dos acordos, da infraestrutura existente entre Brasil e Paraguai, mas também através das relações pessoais e comerciais.

Buscamos ao longo desta pesquisa compreender os elementos condicionantes da imigração libanesa, dentre eles o campo emigratório, a dinâmica econômica da cidade de destino e aspectos sociais. A pesquisa abre a hipótese de aprofundamento do debate a respeito da influência das migrações no desenvolvimento econômico de Foz do Iguaçu, compreendemos que para isso se faz necessário ampla análise multidisciplinar envolvendo aspectos históricos, geográficos e econômicos.

A partir da pesquisa realizada concluímos que as políticas públicas devem ser pensadas levando em consideração seu impacto sobre as sociedades, uma vez que as migrações são influenciadas pelo desenvolvimento desproporcional entre as regiões e muito tem a contribuir com o desenvolvimento mais igualitário.

## REFERÊNCIAS

ACIFI. A conjuntura econômica de Foz do Iguaçu: 1990 - 2004. Disponível em: <[http://www.acifi.org.br/doc\\_nucleos/8d4fd625534e47a93eacbb4526f42197.pdf](http://www.acifi.org.br/doc_nucleos/8d4fd625534e47a93eacbb4526f42197.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. 60 Anos: A melhor Idade. Foz do Iguaçu: Fotolaser Gráfica e Editora, 2011.

ALICE. Exportação Municípios. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Importação Municípios. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

ARRUDA, Aline Maria Tomé. A presença libanesa em Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). 2007. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Sociais do Centro de Estudos Comparados Sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ATLAS BRASIL – Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Foz do Iguaçu: PR. Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/foz-do-iguacu\\_pr#trabalho](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/foz-do-iguacu_pr#trabalho)>. Acesso em: 16 nov. 2015.

BARAKAT, Arestusa Catiúscia Cardoso. A reconstrução e manutenção da identidade libanesa em Foz do Iguaçu. História na Fronteira: Foz do Iguaçu, v. 1 n. 1, p. 143-161, jul./dez. 2008

CAETANO, Marcos Fassino; PALHARES, José Mauro. História do Paraná: Breve história de sua colonização e sua gente. 2ª Ed. Foz do Iguaçu: Gráfica São Miguel Ltda, 2005

CATTA, Luiz Eduardo. Pobreza e estratégias de sobrevivência no cotidiano de uma fronteira (1992-2006). IN: III Encontro de Pós-doutores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2010, Niterói. Anais ... Niterói: PPGH-UFF, 2012. p. 143-165. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/files/public\\_ppgh/cap\\_2010\\_3encontroPosgrad\\_anais.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/cap_2010_3encontroPosgrad_anais.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2015.

CEPAL- COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE. Brasil: perfil nacional e económico: sector real. Disponível em: <[http://interwp.cepal.org/cepalstat/perfil\\_nacional\\_economico.html?pais=bra](http://interwp.cepal.org/cepalstat/perfil_nacional_economico.html?pais=bra)>. Acesso em: 17 nov. 2015.

DEZAN, Maria Dalva de Souza. Impactos das imigrações espanhola e sírio-libanesa como fator para o desenvolvimento econômico e diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano - SP. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

GATTAZ, André. Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. 2ª ed. Salvador: Editora Pontocom, 2012. 172 p.

IBGE. Censo Demográfico 2010: resultado da amostra – migração. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&coduf=41&idtema=97&codv=v28&search=parana|foz-do-iguacu|sintese-das-informacoes->>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2010: Sinopse população residente comparação entre municípios. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/comparamun/compara.php?lang=&coduf=41&idtema=1&codv=v01&search=parana|foz-do-iguacu|sintese-das-informacoes->>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil. Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes\\_deslocamentos/deslocamentos.pdf](https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/reflexoes_deslocamentos/deslocamentos.pdf)>. Acesso em 21/11/2013.

IPARDES. Balanço do Mercado de Trabalho de Foz do Iguaçu: Relatório II. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/balanco\\_mer\\_trab\\_fozdoiguacu\\_02\\_84.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/balanco_mer_trab_fozdoiguacu_02_84.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Empregos RAIS: Consulta Foz do Iguaçu. Base de Dados do Estado. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2015

\_\_\_\_\_. Valor adicionado Bruto a Preços Básicos: PR. Base de Dados do Estado. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2015

\_\_\_\_\_. Valor adicionado Bruto a Preços Básicos: Foz do Iguaçu. Base de Dados do Estado. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2015

JORNAL A GAZETA DO IGUAÇU. Foz do Iguaçu teve quatro ciclos econômicos importantes. Jornal A Gazeta do Iguaçu, Foz do Iguaçu, 10 jun. 2014. 191 p.

KLAUCK, Samuel; SZEKUT, Andressa. Diversidade populacional: discursos de fixação do

patrimônio cultural de Foz do Iguaçu. Revista do centro de educação e letras da Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu, v. 14, n. 2, p. 157-177, 2º semestre de 2012. Disponível em <<https://e-revista.unioeste.br/>>. Acesso em 16/11/2013.

MACHADO E SILVA, Regina Coeli. Reordenação de identidades de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu. Trab. Ling. Aplic, Campinas, v. 47, n. 2, p. 357-373, Jul./Dez. 2008

MASCHIO, José. Dólar e Receita derrubam comércio sacoleiro na fronteira com Paraguai. Foz do Iguaçu: Folha UOL. 2002. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u61141.shtml>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

MANARIN, Odirlei, Operários de Itaipu: Experiências e lembranças da demissão. Revista História na Fronteira – Editora Uniamérca, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p.7-26, jul/dez. 2008

MONDARDO, Marcos Leandro. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região sudoeste ao longo do século XX. Revista Brasileira de Estudos Populacionais: Rio de Janeiro v. 28, n. 1, p. 103-131, jan/ jun 2011

OLIVEIRA, Bruno Vinicius Nascimento. Notas sobre a imigração e o estabelecimento da comunidade árabe de Foz do Iguaçu. IN: V Seminário Nacional Sociologia & Política - Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 14 a 16/05/2014, Curitiba. Anais ... Curitiba: UFPR, 2014. p. 1-19. Disponível em: <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/seminariosociologiapolitica/files/2014/08/24793\\_1397854443.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/seminariosociologiapolitica/files/2014/08/24793_1397854443.pdf)>. Acesso em: 03. nov. 2015

PEIXOTO, João. As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas, 11ª ed. Lisboa: Sociud Working Papers, 2004. Disponível em: <<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

PELLEGRINI, Domingos. Zebus, peróbas, figueiras e outras referências. Revista Helena - Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, [S.l], nº 1, p. 8-11, out. 2012. Disponível em: <<http://issuu.com/revistahelena/docs/helena1>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Os dois métodos e o núcleo duro da teoria econômica. Revista de Economia Política, [S.l] v. 29, n.2, p. 163-190, abril-junho 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v29n2/01.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

PMFI. Dados Socioeconômicos de Foz do Iguaçu 2011. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=62491>>. Acesso em: 01 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu: 2014. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=75475>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

PRIORI, Angelo. A imigração. In: PRIORI, A, [et al.] (Org.). História do Paraná: Séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012. p. 35-46.

RABOSSEI, Fernando. Árabes e mulçumanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: Notas para um re-interpretação. In: Giralda Seyferth [et al.] (org.). Mundos em Movimento: Ensaio sobre Migrações. Santa Maria: Editora UFSM, 2007. P. 287-308

\_\_\_\_\_. Nas Ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Programa de Pós-graduação em Antropologia- Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

ROSEIRA, Antônio Marcos. Foz do Iguaçu: Cidade Rede Sul-Americana. 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1992, Brasília. Anais ... Brasília: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1992. p. 119-144. Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1992/T92V03A07.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014

SMT. Comparativo da Oferta Turística 1987 a 2014: Inventários da oferta turística. Disponível em: <<http://www.pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=78075>>. Acesso em 19 nov. 2015.

STAEVIE, Pedro Marcelo. Revisão de literatura: Um panorama sobre as teorias das migrações. In: STAEVIE, Pedro Marcelo. O papel das redes sociais na migração Contemporânea de gaúchos em Roraima. Tese (Doutorado) - Núcleo de Altos estudos Amazônicos, Programa de pós-graduação em desenvolvimento sustentável do trópico úmido, Belém, 2012. P. 36 – 60

TRINTIN, Jaime Graciano. A nova economia paranaense: 1970 – 2000. Maringá: Eduem, 2006. 190 p.

\_\_\_\_\_. A Economia Paranaense: 1985- 1955. Campinas: Unicamp, 2001.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. Tempo social - revista de sociologia da USP, Cidade, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 6ª ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1988.

WEBBER, Darcilo. Foz em número: O mais completo banco de dados estatísticos sobre o município de Foz do Iguaçu. 1ª ed. Foz do Iguaçu: Grupo Camaleão Criação e Impressão Gráfica LTDA, 2003. 130 p.



## APÊNDICES

### APÊNDICE A – FRENTES DE OCUPAÇÃO PARANÁ

<b>Denominação</b>	<b>Atividades econômicas que direcionariam a colonização</b>	<b>Migração (principais etnias)</b>	<b>Região</b>
Paraná Tradicional	Ciclo do ouro no litoral (Século XVII); Pecuária e tropeirismo (Século XVIII); Exploração da erva-mate;	Até 1850: Portugueses, negros e indígenas; Após 1850: alemães, poloneses, italianos, ucranianos, sírio-libaneses, etc.	Litoral e Curitiba, Campo de Guarapuava e Palmas, etc.
Frente Nortista	Agricultura de subsistência; Exploração da floresta tropical; Produção de Café (Final século XIX e início Século XX);	Mineiros, paulistas, paranaenses, japoneses, italianos, sírio-libaneses, etc.	Norte: Jacarezinho, Cornélio Procópio, Londrina, Apucarana, Maringá, etc.
Frente Sulista	Exploração de erva-mate e madeira; Produção agrícola;	Indígenas, argentinos e paraguaios. Alemães e italianos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (final do séc. XIX), entre outros.	Partes do Sudoeste e do oeste: Francisco Beltrão, Dois Vizinhos, Santo Antônio do Sudoeste, Medianeira, etc.

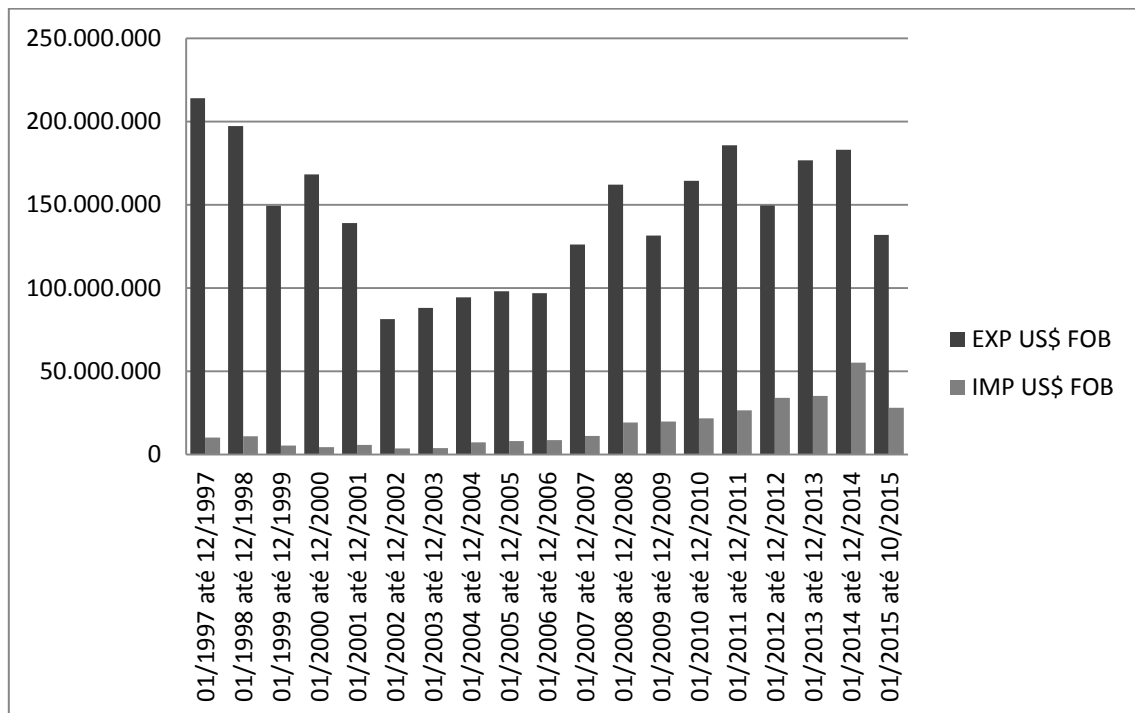
Fonte: A autora a partir de Wachowicz, 1988 e Caetano et al. 2005.

### APÊNDICE B - CINCO PRIMEIROS COLOCADOS NO PARANÁ: MIGRAÇÃO POPULAÇÃO RESIDENTE POR NACIONALIDADE ESTRANGEIRA, 2010

<b>Cidade</b>	<b>Pessoas</b>	<b>(%) do total de estrangeiros residentes no Estado</b>	<b>(%) do total de estrangeiros residentes em relação ao total populacional do município</b>
Curitiba	8.871	31,00	0,50
Foz do Iguaçu	5.747	20,00	2,24
Londrina	1.402	4,90	0,27
Maringá	1.114	3,89	0,31
Cascavel	682	2,38	0,24

Fonte: A autora - a partir de dados do Censo Demográfico IBGE, 2010

### APÊNDICE C - IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES FOZ DO IGUAÇU X PARAGUAI 1997-2015



Fonte: Elaboração própria a partir Alice Web.

**APÊNDICE D – Roteiro de entrevista aos migrantes libaneses em Foz do Iguaçu**

ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS MIGRANTES LIBANESES EM FOZ DO IGUAÇU

PESQUISADORA: FRANCIELY FERREIRA PINTO DE OLIVEIRA

CURSO: CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ECONOMIA, INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.

DATA:

HORÁRIO:

LOCAL DA ENTREVISTA:

NOME:

SEXO:

IDADE ATUAL:

IDADE NA CHEGADA A FOZ DO IGUAÇU:

NATURAL DE (MUNICÍPIO):

ÚLTIMO LOCAL DE RESIDÊNCIA ANTES DE FOZ DO IGUAÇU (PR):

OCUPAÇÃO NO ÚLTIMO LOCAL DE RESIDÊNCIA:

OCUPAÇÃO ATUAL:

ANO DE SAÍDA DO LÍBANO:

ANO DE CHEGADA NO PARANÁ:

ANO DE CHEGADA EM FOZ DO IGUAÇU:

GRAU DE ESCOLARIDADE NA CHEGADA:

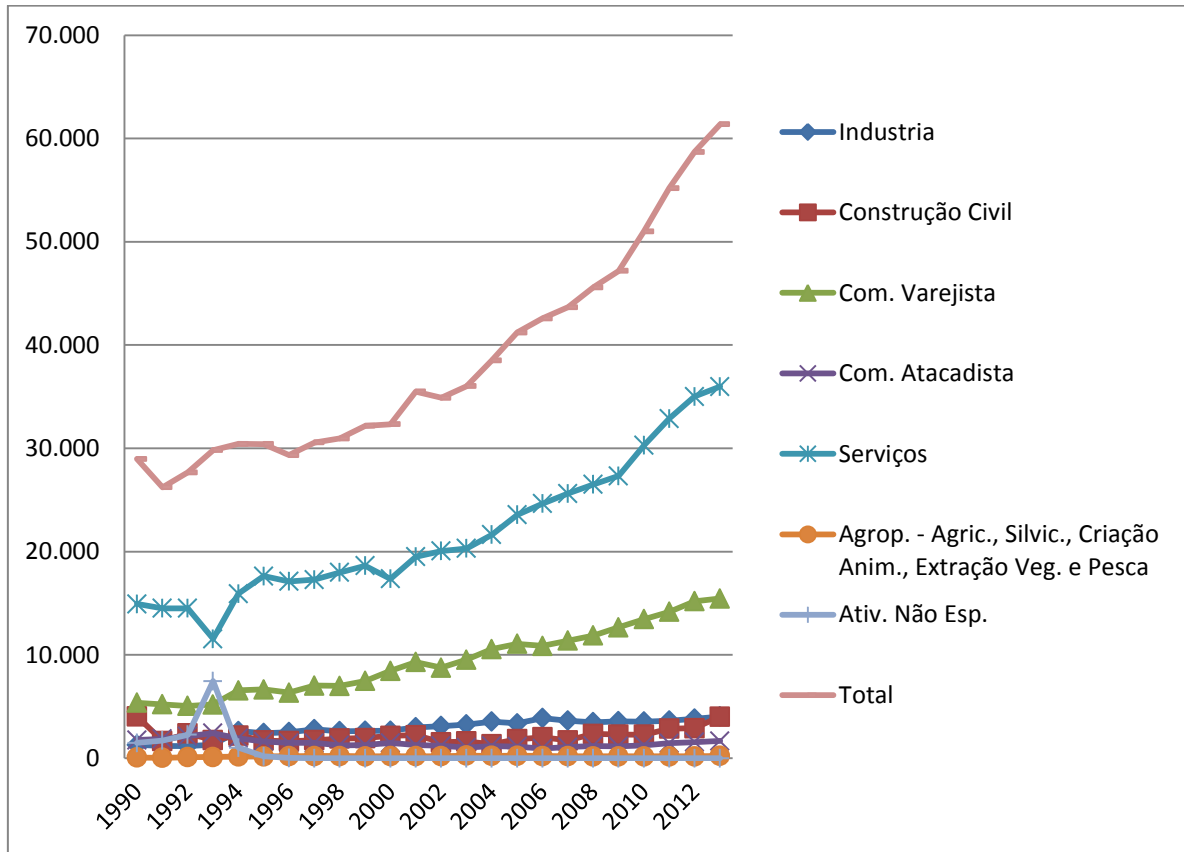
GRAU DE ESCOLARIDADE ATUAL:

ESTADO CIVIL NA CHEGADA:

ESTADO CIVIL ATUAL:

1. DEPOIS QUE SAIU DO LÍBANO, MOROU EM ALGUM LUGAR ANTES DE VIR FOZ DO IGUAÇU / PR? ONDE? QUANDO?
2. MOTIVOS DE SUA SAÍDA DO LÍBANO?
3. E POR QUE O LOCAL ESCOLHIDO (SE MOROU EM ALGUM LUGAR ANTES DO PARANÁ)?
4. E POR QUE PARANÁ/FOZ DO IGUAÇU?
5. COMO FOI SUA INSERÇÃO ECONOMICA EM FOZ DO IGUAÇU?
6. TEM INTENÇÃO EM SAIR DE FOZ? POR QUÊ?
7. TEM INTENÇÃO DE VOLTAR AO LÍBANO: POR QUÊ?
8. TEM INTENÇÃO DE IR A OUTRO LUGAR? POR QUÊ?
9. QUAL É O PAPEL DOS LIBANESES NA ECONOMIA DE FOZ DO IGUAÇU?

**APÊNDICE E- EMPREGOS EM FOZ DO IGUAÇU 1990 A 2013**



Fonte: Elaboração própria a partir IPARDES –Base de dados do Estado

## ANEXOS

## ANEXO A – MAPA INDICANDO AS FRONTEIRAS DA PROVÍNCIA AUTÔNOMA DO LÍBANO (1861-1915) E AS FRONTEIRAS ATUAIS DO PAÍS



Fonte: Rabinovich, 1985 apud Gattaz, 2012.

**ANEXO B – POPULAÇÃO TOTAL, POR GÊNERO, RURAL/URBANA - FOZ DO IGUAÇU – PR, 1991 A 2010**

<b>População Total, por Gênero, Rural/Urbana - Foz do Iguaçu – PR, 1991 a 2010</b>						
População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	190.123	100,00	258.543	100,00	256.088	100,00
Homens	94.591	49,75	127.739	49,41	124.218	48,51
Mulheres	95.532	50,25	130.804	50,59	131.870	51,49
Urbana	186.385	98,03	256.524	99,22	253.962	99,17
Rural	3.738	1,97	2.019	0,78	2.126	0,83

Fonte: PNUD, IPEA e FJ *apud* Atlas Brasil, 2013.

**ANEXO C - RENDA, POBREZA E DESIGUALDADE - FOZ DO IGUAÇU – PR, 1991 A 2010**

<b>Renda, Pobreza e Desigualdade - Foz do Iguaçu – PR, 1991 a 2010</b>			
	1991	2000	2010
Renda per capita (em R\$)	569,72	648,86	842,26
% de extremamente pobres	4,67	4,20	1,75
% de pobres	18,93	16,26	7,37
Índice de Gini	0,57	0,57	0,53

Fonte: PNUD, IPEA e FJP *apud* Atlas Brasil, 2013.